

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS, ADMINISTRATIVAS E CONTÁBEIS
CURSO DE ADMINISTRAÇÃO
CAMPUS SARANDI

DANIELA PAULA ROSSETTI

AGRICULTURA FAMILIAR:
ASPECTOS MOTIVADORES DO ÊXODO RURAL EM CONSTANTINA - RS

SARANDI

2013

DANIELA PAULA ROSSETTI

**AGRICULTURA FAMILIAR:
ASPECTOS MOTIVADORES DO ÊXODO RURAL EM CONSTANTINA - RS**

Estágio Supervisionado apresentado ao Curso de Administração da Universidade de Passo Fundo, campus Sarandi, como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Administração.

Orientador: Prof. Ms. Hélio Büllau.

SARANDI

2013

DANIELA PAULA ROSSETTI

**AGRICULTURA FAMILIAR:
ASPECTOS MOTIVADORES DO ÊXODO RURAL EM CONSTANTINA - RS**

Estágio Supervisionado aprovado em 28 de novembro de 2013, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Administração da Universidade de Passo Fundo, campus Sarandi, pela Banca Examinadora formada pelos professores:

Prof. Ms. Hélio Büllau
UPF – Orientador

Prof. Esp. Degnor Pimentel Reis
UPF - Examinador

Prof. Ms. Fábio Barão
UPF - Examinador

SARANDI

2013

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, que me guiou nesta caminhada.

Agradeço ao meu pai, Ivanir, e à minha mãe, Eleane, que sempre me apoiaram e me incentivaram a estudar; me ensinaram a superar as dificuldades do caminho, porque no final sempre vale a pena. Deram-me a educação que tenho hoje. Por isso, dedico a eles esse momento especial da minha vida.

Agradeço, imensamente, ao meu noivo Lucas, pelas tardes de domingo, quando não mediu esforços para me ajudar; pela paciência em minhas ausências e minhas preocupações. Ele faz parte desta vitória.

Agradecimentos ao meu avô Zeferino, que sempre esteve ao meu lado, com muito carinho, me ajudando no que se fazia necessário; à minha avó Izabel (*in memoriam*), que, infelizmente, partiu antes de presenciar essa conquista especial da minha vida, mas sempre torceu por mim, e tenho certeza que agora é meu anjo da guarda.

Aos meus irmãos Vitor, Guilherme e Gabriel, meus tios Márcia e Idalgo, pelo apoio, compreensão e torcida. A base familiar é tudo em nossa vida, e vocês são uma família maravilhosa.

Agradeço às colegas Edinara e Maiqueline, que sempre estiveram presentes, tanto nos momentos bons, quanto nas dificuldades, e se tornaram fiéis companheiras e amigas.

Agradecimentos especiais ao Orientador, Prof. Ms. Hélio Büllau, pela atenção, pelas respostas entre um milhão de dúvidas, e, principalmente, pela paciência e pelo empenho em me ajudar a vencer esta etapa.

Agradeço à UPF e a todos os professores que me acompanharam, durante a graduação.

"O futuro pertence àqueles que acreditam na
beleza de seus sonhos."

ELEANOR ROOSEVELT

RESUMO

ROSSETTI, Daniela Paula. **Agricultura familiar:** Aspectos motivadores do êxodo rural em Constantina -RS. Sarandi, 2013. 84 f. Estágio Supervisionado (Curso de Administração). UPF, 2013.

O presente trabalho tem por objetivo saber quais os fatores que mais influenciaram nas decisões da família rural em migrar para o ambiente urbano, e se essa migração está gerando bons resultados ou não. A classificação da pesquisa, quanto aos objetivos, é exploratória e descritiva; quanto à abordagem é do tipo mista (quanti-quali); e referente ao procedimento técnico, a pesquisa se caracteriza pelo tipo levantamento. Na coleta de dados foram entrevistados 20 homens que ainda residem no interior e 20 homens que saíram do interior para a cidade, no município de Constantina-Rs. No grupo dos que migraram, constatou-se que as maiores razões da migração para a cidade foram financeiras, em seguida, maior facilidade de acesso ao estudo para os filhos. No questionamento quanto à satisfação do trabalho, que é realizado atualmente na cidade, em 100% das respostas apareceu a satisfação total dos entrevistados, dizendo ser melhor a vida na cidade. Em entrevista com agricultores familiares que ainda permanecem no campo, foi citadas como principal vantagem a alimentação, em seguida a tranquilidade da vida no campo. Ainda existem dificuldades quanto à renda, porém houve uma melhora em função das linhas de crédito que auxiliam os agricultores, motivando, em muitos casos, a permanência no campo. O fator que merece atenção é o frequente êxodo rural dos jovens, por motivos de dificuldade de estudo e em muitas vezes atraídos pelos benefícios da cidade. Como consequência, a população rural ficará cada vez mais envelhecida e sem sucessores para darem continuidade aos trabalhos da família, na agricultura familiar. O trabalho, por fim, apresenta uma lista de sugestões e recomendações, tanto para os que migraram quanto para os que permanecem no campo.

Palavras chaves: Agricultura familiar. Êxodo Rural. Vida no campo.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Faixa etária dos entrevistados	41
Tabela 2– Grau de escolaridade.....	41
Tabela 3 – Estado civil	42
Tabela 4 – Quantidade de filhos	42
Tabela 5 – Tempo que o entrevistado reside na cidade.....	43
Tabela 6 – Nível de satisfação com o trabalho atual	44
Tabela 7 – Nível de satisfação com os resultados financeiros	45
Tabela 8 – Continuar campo/migrar para a cidade.....	46
Tabela 9 – Facilidade/ dificuldade para realizar as tarefas agrícolas	50
Tabela 10 - Razões principais para continuar no campo	51
Tabela 11 – Perspectivas de permanência dos filhos na lavoura.....	52
Tabela 12 – Vantagens do campo.....	54
Tabela 13 – Desvantagens do campo	55
Tabela 14 – Vantagens da cidade	56
Tabela 15 – Desvantagens da cidade.....	57
Tabela 16 – Fatores para opção pela vida urbana.....	59
Tabela 17 – Atividades executadas atualmente na cidade.....	61
Tabela 18 – Nível de satisfação quanto ao trabalho que realiza atualmente	62
Tabela 19 – Nível de satisfação quanto à remuneração atual.....	63
Tabela 20 – Vantagens do campo.....	66
Tabela 21 – Desvantagens do campo	67
Tabela 22 – Vantagens da cidade	68
Tabela 23 – Desvantagens da cidade.....	69

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
1.1	IDENTIFICAÇÃO E JUSTIFICATIVA DO ASSUNTO	12
1.2	OBJETIVOS.....	13
1.2.1	Objetivo geral	13
1.2.2	Objetivos específicos	13
2.	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	14
2.1	AGRICULTURA FAMILIAR.....	14
2.2	ÊXODO RURAL	17
2.2.1	Motivos que levam os agricultores a optar pela vida urbana	18
2.3	VIDA DAS FAMÍLIAS NO CAMPO	23
2.4	IMPACTOS DA TECNOLOGIA NO ÊXODO RURAL.....	25
2.5	PERSPECTIVAS DOS JOVENS DO MEIO RURAL.....	28
2.6	ENVELHECIMENTO E MASCULINIZAÇÃO DO CAMPO.....	32
2.7	IMPACTOS DO ÊXODO RURAL NA GESTÃO DAS CIDADES	34
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	36
3.1	DELINEAMENTO DA PESQUISA	36
3.2	VARIÁVEIS DE ESTUDO	37
3.3	POPULAÇÃO E AMOSTRA.....	38
3.4	PROCEDIMENTO E TÉCNICAS DE COLETA DE DADOS	38
3.5	ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS.....	39
4	APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	40
4.1	CARACTERIZAÇÃO DO AMBIENTE ESTUDADO	40
4.2	ANÁLISE DE AGRICULTORES QUE RESIDEM NO CAMPO	43

4.2.1	 Tipo de atividades desenvolvidas na propriedade.....	43
4.2.2	 Análise quanto ao trabalho realizado atualmente.....	44
4.2.3	 Análise dos resultados financeiros	45
4.2.4	 Em relação às perspectivas futuras	46
4.2.5	 Visão dos agricultores em relação ao clima	47
4.2.6	 Visão dos agricultores em relação às linhas de crédito.....	47
4.2.7	 Visão dos agricultores em relação ao preço dos insumos e produtos	48
4.2.8	 Visão dos agricultores em relação à tecnologia	49
4.2.9	 Visão dos agricultores em relação aos trabalhos realizados atualmente	49
4.2.10	 Principais razões para continuar na lavoura.....	51
4.2.11	 Perspectivas que os agricultores têm em relação à permanência dos filhos no campo	52
4.2.12	 Vantagens do campo	53
4.2.13	 Desvantagens do campo	54
4.2.14	 Vantagens da cidade.....	56
4.2.15	 Desvantagens da cidade	57
4.3	 ANÁLISE DE AGRICULTORES QUE MIGRARAM PARA A CIDADE.....	58
4.3.1	 Tipos de atividade que eram exercidas no interior	58
4.3.2	 Razões da opção pela vida urbana.....	59
4.3.3	 Atividades executadas, atualmente, na cidade.....	60
4.3.4	 Satisfação/motivação quanto ao trabalho que realiza atualmente	62
4.3.5	 Satisfação/motivação quanto à remuneração atual.....	63
4.3.6	 Satisfação/motivação quanto às perspectivas futuras.....	64
4.3.7	 Avaliação financeira e pessoal – negativa/positiva.....	65
4.3.8	 Vantagens do campo	65
4.3.9	 Desvantagens do campo	67
4.3.10	 Vantagens da cidade.....	68

4.3.11 Desvantagens da cidade	69
4.4 SUGESTÕES E RECOMENDAÇÕES	70
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	75
REFERÊNCIAS	77
APÊNDICE A – Modelo de entrevista para agricultores que residem no campo.....	81
APÊNDICE B – Modelo de entrevista para agricultores que migraram do campo para a cidade	83

1 INTRODUÇÃO

O tema agricultura familiar não é um tema recente, mas é bastante estudado em função de sua importância econômica, pois grande parte dos alimentos consumidos pela população brasileira é produzida por agricultores familiares. Segundo Wanderley *et al.* (2001, p. 23), a agricultura familiar é entendida como aquela em que a família, ao mesmo tempo em que é proprietária dos meios de produção, assume o trabalho no estabelecimento produtivo.

Geralmente, esta atividade combina com a produção de várias culturas, onde utilizam os recursos naturais da propriedade e força de trabalho da família. Predominantemente, a renda familiar é originada dessas atividades.

Atualmente, a agricultura familiar vem perdendo força em função do êxodo rural, caracterizado pela migração de pessoas, muitas vezes por famílias inteiras para as cidades, em busca de melhores condições de vida, mais facilidade de acesso a estudos, aumento na renda e melhor acesso à saúde. Como consequência, há uma diminuição da população rural e um inchaço na população urbana.

O êxodo rural é um problema que vem há muito tempo atingindo as comunidades rurais. Na visão de Siqueira (2012, p.8), a migração do homem do meio rural para a cidade parece vir de várias causas, como por exemplo: seca que castiga algumas regiões do país, à falta de incentivos agrícolas, os baixos preços de produtos, a precariedade das condições de vida em boa parte das áreas rurais brasileiras.

Outro fator que expulsa muitas famílias de agricultores familiares do campo é a introdução da tecnologia na agricultura. Muitas famílias, com menor poder aquisitivo se sentem obrigadas a abandonar suas moradias, pois o custo é alto para adquirir maquinários e o

trabalho braçal é pesado. Além disso, em muitos casos, alguns agricultores já estão com problemas de saúde, o que dificulta ainda mais o trabalho.

No entendimento de Aguiar, toda a tecnologia oferecida ao campo não foi alcançada ou usufruída por todos, o que proporcionou uma inevitável desigualdade no campo, sendo ela de ordem social e econômica. Essas desigualdades sociais geraram a divisão de classes e de trabalho, surgindo, assim, os pequenos e grandes proprietários de terra (*apud* PIAZZA, 2011, p. 20).

A permanência dos jovens na agricultura é a base que sustenta a agricultura familiar. Nesse aspecto há uma grande problemática, pois os jovens, em grande escala, estão se deslocando para as cidades, em busca, principalmente, de estudo. Além do mais, na maioria das vezes, eles não voltam mais para a lavoura, atraídos pelo lazer e pela remuneração fixa existente na cidade, pois no interior a remuneração é muito variável, e em épocas de condições climáticas adversas, há uma grande perda nas plantações e, conseqüentemente, influenciando na renda da família.

A migração dos jovens acontece mais com pessoas do sexo feminino, pois as mulheres não têm muita participação na tomada de decisões da família rural, e sua atividade na agricultura é somente de auxílio aos trabalhos desenvolvidos pelos homens. Por isso falta interesse em permanecer na lavoura, e, portanto acabam migrando, à procura de melhores oportunidades, através do estudo, e por alternativas de atividades profissionais na cidade.

Na gestão das cidades, o êxodo rural causa um crescimento descontrolado da população urbana, resultando em desequilíbrio demográfico, pois em muitos casos as cidades não estão preparadas com infraestrutura para receber um grande número de habitantes, e, conseqüentemente, famílias acabam morando em áreas sem nenhum planejamento urbano.

Alves destaca que “o crescimento da população influencia as taxas de urbanização: a grande maioria dos nascimentos ocorre na população urbanizada e não há retorno aos campos” (2006, p. 22).

Nesse contexto, este trabalho procura entender as principais causas das migrações por parte dos agricultores familiares da região pesquisada, e quais os aspectos que motivam essa mudança de vida do rural para o urbano. O texto está organizado em cinco capítulos, começando pela introdução, que apresenta o tema e os objetivos do estudo. Em seguida, na

base teórica, são apresentados os fundamentos que nortearam a pesquisa. No capítulo três, são explicados os procedimentos metodológicos para, no capítulo seguinte, serem apresentados e analisados os dados pesquisados a campo e feitas as sugestões e recomendações do estudo. Por fim, são expostas as considerações finais.

1.1 IDENTIFICAÇÃO E JUSTIFICATIVA DO ASSUNTO

A agricultura familiar contribui significativamente com o desenvolvimento do país, porém, atualmente, a agricultura está sofrendo mudanças em função do êxodo rural, ou seja, o deslocamento de pessoas da zona rural para as cidades, sendo um fenômeno que ocorre em escala mundial, acarretando muitos problemas para a zona rural e urbana.

O ambiente de estudo será baseado em informações de agricultores que residem em comunidades rurais, e também de agricultores que saíram do campo para a cidade. No município de Constantina, RS, há predominância de pequenas propriedades rurais, de características fortemente familiares. Na região, pouco se usa a expressão “campo”; normalmente, a atividade agrícola é desempenhada “no interior”. E nessa região, a migração do interior para a cidade tem sido bastante significativa.

Este assunto é de fundamental importância, pois boa parte dos alimentos que as pessoas da cidade consomem, vem do trabalho e da produção da agricultura familiar. Assim, se as famílias continuarem neste ritmo, desistindo de suas propriedades rurais, haverá muitos problemas sociais.

Algumas famílias imaginam a vida na cidade de uma maneira ingênua. Este trabalho espera contribuir para algumas dessas famílias pensarem melhor na sua decisão, pois às vezes a vida urbana é mais complicada que a rural. Algumas cidades recebem uma grande quantidade de pessoas vindas do interior, sem estarem preparadas para isso. Por consequência, não há empregos suficientes, e também em função disso acabam residindo em habitações sem boas condições.

Por fim, este trabalho busca identificar: Como agricultores e ex-agricultores da região de Constantina-Rs percebem as causas do êxodo rural?

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo geral

Identificar as percepções de agricultores e ex-agricultores de Constantina-RS, sobre as causas do êxodo rural

1.2.2 Objetivos específicos

- Identificar razões da migração interior-cidade e as condições anteriores e atuais de vida dos sujeitos;
- Identificar as razões da permanência no campo e a condição de vida atual;
- Avaliar as dificuldades e expectativas de cada grupo;
- Desenvolver um conjunto de sugestões e recomendações que visem à melhoria de condições de quem fica no interior quanto de quem migrou para a cidade.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Baseada em referências de vários autores, a fundamentação teórica é composta por assuntos que envolvem a agricultura familiar e a problemática do êxodo rural. No primeiro momento, faz-se um breve relato sobre as origens da agricultura familiar e sua estrutura nos dias atuais. Após, a contextualização do êxodo rural, mostrando em que situações e com que frequência esse fenômeno está presente nas comunidades rurais.

2.1 AGRICULTURA FAMILIAR

O tema agricultura familiar é um assunto de grande relevância, pois se trata de produção agrícola de caráter familiar, que abastece as cidades com alimentação; são famílias inteiras que trabalham juntas com o objetivo de ganhar a vida com as atividades oriundas da agricultura. No decorrer do capítulo, podemos perceber de forma mais detalhada como nasceu a agricultura familiar e como ela está estruturada nos dias atuais.

“O ponto de partida é o conceito de agricultura familiar, entendida como aquela em que a família, ao mesmo tempo em que é proprietária dos meios de produção, assume o trabalho no estabelecimento produtivo” (WANDERLEY, 2001, p. 23).

No entendimento de Savian, o agricultor familiar é o indivíduo que produz sua riqueza a partir das atividades rurais desenvolvidas em seu estabelecimento rural, sendo assim inserido no espaço geográfico (2011, p. 14).

De acordo com Gasson e Errington,

A agricultura familiar pode ser definida através de seis características: 1) a gestão encontra-se nas mãos dos proprietários; 2) os proprietários estão ligados entre si por laços de parentesco; 3) é responsabilidade de todos os membros da família prover capital para a propriedade; 4) o trabalho é feito pela família; 5) o patrimônio e a gestão da propriedade são repassados de geração a geração; 6) os membros da família vivem na propriedade (*apud* Spanevello, *et al*, 2011, p. 292).

Andrade e Souza explicam que “a agricultura familiar no Brasil, historicamente, apareceu como uma forma de produção alternativa às grandes plantações do período colonial, a agricultura familiar é a principal geradora de postos de trabalho no meio rural Brasileiro” (2013 s/p).

“Assim, quando se busca entender as características da agricultura familiar, é notável as relações envolvendo propriedade, trabalho e família, pois elas se relacionam entre si” (SILVA; MENDES, 2012, p.34).

Woortmann (*apud* SILVA; MENDES, 2012, p.34), “menciona que não é possível pensar a terra sem relacioná-la à família, como também não é possível pensar a família sem o trabalho e a produção”.

Na concepção de Wanderley,

É importante insistir que esse caráter familiar não é um mero detalhe superficial e descritivo, ou seja, o fato de uma estrutura produtiva associar família-produção-trabalho tem conseqüências fundamentais para a forma como ela age econômica e socialmente. No entanto, assim definida, essa categoria é necessariamente genérica, pois a combinação entre propriedade e trabalho, assume, no tempo e espaço, uma grande diversidade de formas sociais. Como afirma Huges Lamarche (1993), “a agricultura familiar não é um elemento da diversidade, mas contém nela mesma, toda a diversidade (2001, p. 23)”.

Para Tinoco (*apud* ANDRADE; SOUZA, 2013, s/p), a agricultura familiar é um termo que começou a se incorporar, no vocabulário acadêmico a partir de meados dos anos de 1990. Até então se definia agricultura familiar como pequena produção ou pequena agricultura, considerada de baixa renda, mas que hoje em dia são unidades produtivas capazes de incorporar mudanças tecnológicas importantes e participar de mercados dinâmicos.

Bittencourt e Bianchini (*apud* ANDRADE; SOUZA, 2013, s/p) entendem e definem o agricultor familiar como todo agricultor que tem na prática da agricultura sua própria fonte de renda, sendo o trabalho desenvolvido pelos próprios membros da família, podendo contratar os serviços de terceiros, provisoriamente, quando entender necessário.

Para Savian, nas famílias de agricultores familiares, normalmente é o pai que decide o que deve ser feito na unidade familiar e na relação entre pais e filhos. O pai é aquele que vai escolher a ação a se realizar no momento. A divisão de recursos e a remuneração do trabalho também estão centralizadas na figura paterna (2011, p. 23).

Nos últimos trinta anos, houve grandes transformações na agricultura brasileira, em especial no Rio Grande do Sul. Antigamente, os agricultores familiares produziam somente para o seu sustento, comercializando o excedente para comprar produtos e mantimentos que não se produzia na roça. Atualmente, esse quadro mudou, e a agricultura familiar está inserida na lógica de mercado, às vezes até cometendo excessos, como é o caso da produção de somente para comercialização, que entra num ciclo de dependência, precisando comprar produtos básicos para a subsistência familiar, como por exemplo, frutas, verduras, feijão, carnes e outros (CECONELLO, 2006, p. 23).

Evidentemente, quando discutimos sobre o assunto agricultura familiar, estamos nos referindo a um segmento importantíssimo que produz a maioria dos alimentos que consumimos (CECONELLO, 2006, p. 23).

Na mesma visão, Pies argumenta que a agricultura de base familiar continua sendo a mais importante fonte de produção de alimentos no Brasil. Essa categoria produtiva é responsável por 85% da produção de alimentos da cesta básica, e tem uma grande relevância para o desenvolvimento das comunidades, a partir do local e da região (2006, p.121).

Tendo em vista os conceitos de diversos autores, percebe-se a dimensão deste segmento. O ambiente urbano depende da agricultura local para colocar alimento na mesa das famílias. Desse modo, a reprodução da agricultura familiar é necessária no contexto social.

2.2 ÊXODO RURAL

O êxodo rural não é uma preocupação atual, este fenômeno vem há algum tempo atingindo e prejudicando a agricultura familiar e, também, a gestão das cidades. Caracteriza-se pelo abandono do campo, por seus habitantes, que acabam lotando as áreas urbanas. Este capítulo tem por objetivo contextualizar o êxodo rural e mostrar em que situações esse fenômeno acontece.

“O rural brasileiro tem enfrentado nos últimos sessenta anos um crescente processo de despovoamento, devido a mudanças significativas na estrutura da sociedade” (SAVIAN, 2011, p. 9).

Na concepção de Alves, o crescimento descontrolado e vertiginoso das cidades brasileiras, nos últimos 49 anos, e os problemas aí resultantes nos tem levado a lamentar, nostalgicamente, a distância que nos separa, cada vez mais, da Mãe-Natureza (1992, p. 9).

Os homens ao longo de sua história mudaram muitas vezes, foram de um lugar para o outro em busca de alimentos ou se protegendo dos fenômenos da natureza. A mudança marcante foi que os homens evoluíram nas suas formas de vida, mudaram-se os modos de produção da sociedade. Esses mesmos homens, mulheres ou em famílias, na sua maioria, abandonaram os seus campos de morada, mudaram suas formas de produzir, se esparramaram pelo mundo e vivem em maioria nas cidades (VIEIRA NETO; FERREIRA, 2012, p. 26).

As pessoas estão sempre à procura de uma vida mais digna e de um futuro mais tranquilo, por isso estão cada vez mais se deslocando de um lugar para outro para cumprir seus objetivos de vida. E nesse processo de procura incessante por melhores condições de subsistência, vimos que os movimentos migratórios têm peso significativo na vida das pessoas (VIEIRA NETO; FERREIRA, 2012, p. 41).

De modo geral, em função do êxodo rural, a agricultura possui baixa densidade populacional, sendo 80% urbana e 20% rural, se considerarmos que nos anos 1970 – 1980

esse percentual era inverso, sendo 80% da população rural e 20% urbana (RISSON; GABRIEL JUNIOR; PAOLI, 2009, p. 105).

O homem rural migra, porque avalia que a sua vida e a de sua família melhorará. Analisando a quantidade de pessoas que migram para o urbano, percebe-se que o meio rural perde a competição para a cidade. Antes da migração, as famílias buscam alternativas para continuar na lavoura, como por exemplo, procuram aumentar a renda, buscam um emprego na cidade, embora continuem residindo no interior. Se isso não der resultados, os filhos migram primeiro e os pais continuam na lavoura. Por fim, depois de certa idade, é provável que os pais migrem também, ocasionando o abandono da propriedade (ALVES; ROCHA, 2012, p.6).

Em relação à escolaridade dos agricultores, Siqueira argumenta que:

Com pouca escolaridade as pessoas oriundas da agricultura, não encontram um bom emprego. O homem e a mulher, despreparados para o mercado de trabalho, enfrentarão os trabalhos mais forçados e com baixa remuneração. Os filhos, mesmo em idade escolar, são muitas vezes obrigados a trabalhar para ajudar no orçamento da família, parando com os estudos, e o que é mais grave, abrindo mão da infância. Alguns passarão a maior parte do tempo na rua, expostos a todo o perigo (2012, p. 15-16).

Percebe-se, ao longo do capítulo, uma descrição da problemática “êxodo rural”, fator esse que atinge a agricultura nos últimos anos, e vem transformando a geografia do país, causando uma série de problemas sociais. As famílias migram à procura de melhores condições de vida, diminuindo as propriedades rurais, e, conseqüentemente, aumentando a população urbana.

2.2.1 Motivos que levam os agricultores a optar pela vida urbana

Perante o número de migrações rural-urbano que afeta a agricultura familiar, se faz necessário estudar os principais fatores que estão levando as famílias a optarem pelo ambiente

urbano. O êxodo vem acontecendo com muita frequência, e, aliados a este fenômeno, existem muitos aspectos prejudiciais tanto para o campo quanto para a cidade. No decorrer deste capítulo, seguem os principais influenciadores que levam as famílias a desistirem da vida no campo.

“Em decorrência de vários motivos, sejam eles de ordem econômica, tecnológica, ambiental, fundiária, política ou estrutural, têm-se verificado, como um dos mais sérios fenômenos de desequilíbrio sócio-econômico das nações, o êxodo rural” (ARAÚJO, 2000, p. 36).

Segundo Alves (1992, p.9), apesar de existir uma carga pesada de problemas ligados à qualidade de vida, nas cidades, todo ano, milhares de pessoas continuam deixando o campo à procura de melhores condições de vida. Elas são atraídas pela esperança de encontrar empregos, aperfeiçoamento profissional, maior facilidade de acesso aos serviços e bens de consumo contemporâneos.

De acordo com Siqueira (2012, p. 8), a migração do homem do meio rural para a cidade parece vir de várias causas, como por exemplo: a seca que castiga algumas regiões do país, a falta de incentivo agrícola, os baixos preços de produtos, a precariedade das condições de vida em boa parte das áreas rurais brasileiras.

“A migração campo-cidade é um processo universal, onde as populações rurais transferem-se para as cidades, trocando, portanto, as atividades rurais pelas atividades urbanas, principalmente na indústria, comércio e serviços” (SIQUEIRA, 2012, p.9).

O desaparecimento de propriedades rurais sugere baixa margem de lucro para os agricultores que permanecem na lavoura, onde as famílias estão precariamente remuneradas, e aí surge a decisão de migração para o ambiente urbano, como alternativa de sobrevivência da família (ALVES; LOPES; CONTINI, 2006, p. 50).

“A mecanização, e depois a cientificação do mundo rural, contribuíram, certamente, para a queda da participação da população rural na população total do Brasil, que passou de 68,76% em 1940 para 54,93 em 1960, 32,30% em 1980 e 21,64 em 1996” (SANTOS; SILVEIRA, *apud* SIQUEIRA, 2012, p.8).

Devido às inovações tecnológicas surgidas no decorrer dos tempos, assistimos a um cenário de substituição de trabalhadores por máquinas, principalmente nas grandes propriedades rurais. Tal fato pode ser um propulsor de um aumento no número das pessoas desempregadas, se acentuando de forma mais impactante no meio rural, uma vez que as máquinas substituem a mão de obra dos agricultores e desequilibram as oportunidades de comercialização, visto que a produtividade impulsionada por essa tecnologia produz desvantagens competitivas para o pequeno agricultor (SANTOS, *et al*, 2012, p. 28).

“As políticas de industrialização proporcionaram grandes vantagens às cidades e foram responsáveis pelas elevadas taxas de urbanização” (ALVES, 2006, p. 16).

A instalação de indústrias nas cidades e aberturas de rodovias contribuiu para tornar os lugares mais acessíveis e atrativos para novas aventuras na vida, de maneira geral, e principalmente quando a questão estava relacionada às melhores condições de trabalho. E os ambientes urbanos, como um lugar atrativo para pessoas do meio rural receberam milhões de trabalhadores do campo, sonhando com uma vida mais digna e justa, buscando um emprego melhor na cidade. Porém, para muitos, essa decisão não foi satisfatória, pois perceberam que trocaram a miséria do campo pela exploração na cidade (VIEIRA NETO; FERREIRA, 2012, p, 29).

O setor industrial, responsável pelo grande incremento da economia nos últimos tempos, é um dos fatores responsáveis pelo deslocamento de pessoas do campo para as cidades, onde estão instaladas essas indústrias. As dificuldades de moradia, estudos, transportes e segurança são conseqüências diretas dessa grande concentração de pessoas nos núcleos urbanos (MIYASAKA; NAKAMURA; OKAMOTO, 1997, p. 14).

Afirma Olinger que:

Persistindo o modelo de desenvolvimento urbano/industrial, a tendência continuará sendo a diminuição do número dos pequenos agricultores, a concentração da terra pelos grandes proprietários. Com este processo é gerada a urbanização e a dependência do rural pelo urbano (*apud* PIAZZA, 2011, p. 22).

No entendimento de Siqueira, para cidades desenvolvidas que realizaram sua transformação industrial, é a tecnologia e a mecanização no campo que liberam cada vez mais mão de obra. Essas pessoas serão absorvidas pelas indústrias e, dessa forma, o êxodo rural se torna um processo positivo, visto que cada vez menos população no campo produz cada vez mais, e a cidade se apoia na oferta crescente de empregos (2012, p. 9-10).

Em outro direcionamento, Siqueira argumenta que nas cidades subdesenvolvidas, onde a industrialização é inferior, o êxodo rural tem outra dinâmica. A população rural com baixo nível de vida se sente atraída pela perspectiva de um emprego na cidade que melhore sua qualidade de vida, migrando em larga escala para as cidades. Ocorre, então, que, possuindo uma fraca industrialização, a cidade não consegue atender à demanda de procura por emprego, gerando muitas consequências, por exemplo: a formação de favelas, o baixo nível de vida e a marginalização (2012, p.10).

Em outro direcionamento, Alves acredita que a transferência da população rural para a cidade, no caso brasileiro, não é consequência somente do crescimento do setor industrial, mas é consequência, também, de uma verdadeira fuga do lavrador, devido às precárias condições de trabalho e vida no campo (1992, p. 11).

“Os pólos de atração fornecem, assim, a base em relação à qual as condições do meio rural são avaliadas para efeitos da decisão de migrar” (ALVES, 2006, p. 24).

Na concepção de Simon (1998, p. 3), o trator, e a sedução das luzes urbanas, influenciaram os homens, a partir do campo, rumo às periferias dos grandes centros, que se tornaram no passar dos anos verdadeiros edemas sociais. E, hoje, a cidade perdeu seus encantos, a máquina substitui trabalhadores industriais, e, com isso, o desemprego urbano atinge níveis preocupantes. A alternativa mais viável parece ser a volta ao campo, pois a agricultura ainda permite um convívio harmônico entre o seu segmento moderno e o seu lado mais tradicional. Ainda há terras a cultivar, mercado mundial para a agricultura comercial e milhões de estômagos para alimentar, no mercado local.

Alves acredita que há uma grande necessidade de investimentos na educação, no campo, e também em treinamentos para jovens rurais, para que assim o rural possa competir com a cidade. Também é de grande necessidade um investimento na infra-estrutura que liga o campo à cidade, para facilitar o acesso à educação, saúde, entre outros (2006, p. 16).

A decisão de migrar para a cidade é tomada num contexto familiar, é analisado os ganhos que todos os membros da família terão, e a possibilidade de acesso a estudo para os

filhos é um fator que tem um peso muito importante na decisão de migração para o ambiente urbano (ALVES, 2006, p. 18).

Em muitas famílias que permanecem no campo, os filhos são encaminhados para a cidade em busca de estudo e melhores condições de vida. Em alguns casos, por não ter trabalho para todos na agricultura, ou pelo incentivo dos pais, que não querem, para seus filhos, a vida rural (MARTIGNON, 2013, p. 22).

Já vimos que a escolaridade tem muita influência na mobilidade da população. A persistência de baixos investimentos na escola primária (ensino regular) e os baixos níveis de escolaridade é uma boa medida disso; acabam conduzindo os menos letrados a transpor as barreiras da mobilidade, e as famílias analfabetas finalmente migram. A maior escolaridade intensifica e antecipa o êxodo (ALVES, 2006, p. 30).

No conceito de Alves (2006, p. 8), o fator que mais leva as famílias para as cidades é a renda, sendo a baixa lucratividade dos trabalhos na lavoura, em relação à cidade, o fator que comanda o êxodo rural.

Quanto maior for a diferenciação de salário entre campo e cidade, maior é o incentivo de migração das famílias para as cidades, e, conseqüentemente, menor é a oferta de trabalho na agricultura (ALVES, 2006, p. 17).

Neste contexto, percebemos os atrativos da cidade como grande influenciador do êxodo rural, no que se refere à renda fixa, o acesso à educação, à saúde e ao lazer. A industrialização das cidades também é um fator que incentiva a saída das famílias que não estão em boas condições financeiras, pois estas encontram nas indústrias uma remuneração fixa que não depende das condições climáticas. A tecnologia que está se inserindo na agricultura também é outro fator que expulsa muitas famílias do campo, principalmente aquelas com menor poder aquisitivo para adquirir maquinários.

2.3 VIDA DAS FAMÍLIAS NO CAMPO

As propriedades rurais estão inseridas no agronegócio, envolvendo todas as atividades agrícolas, incorporando, dentre outras: a produção, meio ambiente, insumos, comercialização, impacto social (Nagaoka *et al*, 2011, p. 410).

Dentre as atividades desenvolvidas pelos gestores das propriedades agrícolas estão as do processo decisório. São estas que definem o sucesso ou não de um estabelecimento. A propriedade física, e todas as atividades nela inseridas apresentarão um desempenho fruto de decisões de seus gestores (Nagaoka *et al*, 2011, p. 410).

A agricultura familiar exerce um papel extremamente importante como geradora de alimentos, emprego e renda. Sendo um setor bastante antigo, com o passar dos anos foi rompendo os preconceitos, vendo-os como uma prática atrasada tecnologicamente. Hoje possui um conceito diferente, sendo vista como um perfil, representando significativamente o desenvolvimento agrícola brasileiro (FERNANDES, *apud* ANDRADE; SOUZA, 2013, s/p).

“As tendências da agricultura nos dias atuais estão inseridas num cenário de transformações rápidas e, muitas vezes, problemáticas em nível de mundo” (BLUM, 2001, p.57).

Blum destaca que o mundo muda e se transforma rapidamente, a economia cobra a eficiência e a racionalidade, a teoria administrativa induz uma postura gerencial quanto ao processo produtivo. O agricultor que ficar parado na sua propriedade, como que imobilizado com os problemas que ocorrem diariamente, estará próximo do insucesso. Para o agricultor não se excluir do mercado, deverá lutar por uma política agrícola que defenda suas necessidades, e que realmente lhe dê condições de competitividade. O agricultor também deverá mudar seu modo de trabalhar, sua postura, devendo atuar com uma postura gerencial, sempre buscando a informação (2001, p. 60).

“Os avanços tecnológicos atuais são rápidos e complexos, de forma que os agricultores devem adotar uma posição de vanguarda na busca de informação e aprendizado, assumindo a condição de administradores com visão sistêmica, visando à auto-sustentabilidade” (BLUM, 2001, p.101).

Algumas variáveis que dizem respeito à adoção de tecnologias foram implantadas por parcelas expressivas da agricultura familiar, principalmente no que diz respeito ao acesso à energia elétrica, no uso de mecanização com progressivo abandono da agricultura tradicional e manual de enxada (GUANZIROLI; BUAINAIN; DI SABBATO, 2012, s/p).

Silva argumenta que as funções agrícolas são as que geram menos renda. Cada vez mais o número de agricultores familiares vem diminuindo, pois não conseguem sustentar a família apenas com a renda do campo. Diante disso, as famílias vêm se tornando cada vez menos agrícolas. Na maioria dos casos, garantem a sobrevivência de todos os membros através de aposentadorias, pensões e outras ocupações que não sejam agrícolas (SILVA, 2001, s/p).

No passado, as pessoas tinham seu emprego onde residiam, seja no rural ou no urbano; atualmente, com o desenvolvimento de transporte, comunicação e informação, a população tem maior facilidade para escolher onde morar. As pessoas podem morar no interior e trabalhar na cidade ou vice versa, o que facilita, pois acrescenta mais renda para a família (ALVES, 2006, p. 14).

Guanziroli, Buainain e Di Sabbato argumentam que produzir alimentos, como arroz, feijão ou mandioca, não quer dizer necessariamente que esses produtores sejam camponeses ou "produtores de subsistência". Hoje, produz-se arroz e feijão em bases familiares, com alta tecnologia e de forma totalmente voltada para o mercado, isto é, são produtores comerciais tanto quanto os que produzem soja, porque seu objetivo fundamental não é se alimentar, mas vender, contribuindo, por sua vez, com a segurança alimentar do Brasil (2012, s/p).

2.4 IMPACTOS DA TECNOLOGIA NO ÊXODO RURAL

O avanço da tecnologia, em âmbito geral, traz consigo muita mudança. Antigamente não se ouvia falar em tecnologia, principalmente na lavoura. Os trabalhos eram desenvolvidos de forma manual, e hoje esse quadro vem se transformando. A tecnologia veio para facilitar, modernizar e aperfeiçoar os trabalhos, apresentando suas vantagens e desvantagens. Ao longo do capítulo, é destacada qual a posição da agricultura perante essa constante modernização.

A modernidade se estabeleceu num período marcado por intensas mudanças sociais, gerando alterações nos costumes e hábitos. A industrialização alterou expressivamente o modo de produção de vida, ocasionando um deslocamento do rural para centros urbanos, acarretando uma transformação do espaço e do modo de vida rural (MARTIGNON, 2013, p. 11).

“A modernização da agricultura implicou uma intensiva modernização do aparelho produtivo, pautada na mecanização, no uso de insumos agrícolas industrializados e de sementes selecionadas” (MARTIGNON, 2013, p. 11).

Com a introdução da tecnologia na agricultura, as famílias estão tendo mais custo para adquirir esses maquinários, e isso, em muitos casos, está gerando o endividamento, o empobrecimento em muitas famílias, levando-as automaticamente para áreas urbanas, buscando uma vida melhor (ANDRIOLI, 2008, p. 203).

Para Aguiar, toda a tecnologia oferecida ao campo não foi alcançada ou usufruída por todos, o que proporcionou uma inevitável desigualdade na zona rural, sendo ela de ordem social e econômica, gerando também problemas ambientais. Essas desigualdades sociais geraram a divisão de classes e de trabalho, surgindo aqui os pequenos e grandes proprietários de terra (*apud* PLAZZA, 2011, p. 20).

Martignon argumenta que:

Dessa forma, a agricultura familiar foi a que mais sofreu com as consequências dessas transformações sociais porque passou o rural. Uma pequena parcela ascendeu à condição de colono, uma grande parte perdeu parcial ou totalmente a terra e, ao mesmo tempo, sua identidade social, tendo que buscar a sobrevivência nas cidades.

Outra parcela permaneceu no campo, e busca constantemente criar e participar de novas formas de organização da produção e reprodução social, com estratégias de resistência e recriação da vida no meio rural (2013, p. 46).

Portela e Vesentini destacam que o êxodo rural envolve, todos os anos, cerca de milhões de pessoas. Um dos motivos pelo qual esta migração ocorre é o avanço do capitalismo, que normalmente produz a mecanização do campo, ocasionando o desemprego para os trabalhadores e levando os produtores a falência. Isso, porque as grandes propriedades rurais com maior poder de aquisição tomam conta das pequenas, pois os pequenos produtores não dispõem de tratores, colheitadeiras, empréstimos bancários com boas condições de pagamento - tudo isso leva as famílias do meio rural a saírem em busca de emprego e moradia, nas cidades (*apud* PIAZZA, 2011, p. 22).

Santos argumenta que o ambiente rural vem sofrendo muitos problemas em função do uso intensivo das máquinas, provocando agressões danosas ao meio ambiente, comprometendo a sua sustentabilidade nos seus diferentes aspectos (2012, p. 28).

A tecnologia mecânica substitui a mão de obra humana por máquinas. Como consequência, as famílias deixam a lavoura e migram para as cidades, aumentando, assim, a frequência do êxodo rural. Em contrapartida, a tecnologia reduz o trabalho braçal, o sofrimento com o trabalho pesado e contínuo, faça chuva ou sol (ALVES; LOPES; CONTINI, 2006, p. 42).

No entendimento de Aguiar, com a mecanização do campo ocorreu, em grande escala, a expulsão dos pequenos agricultores. Com a substituição da mão de obra pela máquina, os pequenos agricultores, pressionados pelos grandes proprietários de terras, vendiam sua propriedade a eles, e migravam para as cidades em busca de novos empregos e oportunidades (*apud* PIAZZA, 2011, p. 21).

Na mesma linha de pensamento, Siqueira argumenta que, com a modernização da agricultura, a produtividade e o trabalho tiveram um aumento, o que significa a redução do número de agricultores necessários para produzir um volume maior de produção. Como consequência disso, aconteceu uma forte migração de famílias para a cidade, que fugiam da geração de renda que a agricultura pode proporcionar (2004, p. 11).

Os pequenos agricultores que ainda residem na lavoura, com a situação atual, buscam a auto-exploração no processo produtivo, e por isso a tendência é que eles sobrevivam ainda por um tempo na lavoura. Com a falência dessas pequenas famílias, quem ganha são os agricultores com mais poder aquisitivo, pois terão mais oportunidades de comprar áreas de terras e poderão contratar os ex-pequenos agricultores para trabalhar nelas como mão de obra barata (ANDRIOLI, 2008, p. 212).

A modernização agrícola leva trabalhadores rurais para a cidade, e a modernização industrial expulsa os trabalhadores urbanos para fora das fábricas. Continuam no campo os mais idosos e de menor instrução, comunidades inteiras, por exemplo, vivem da aposentadoria, e antes produziam para seu próprio sustento e geravam excedentes que alimentavam outras pessoas (SIMOM, 1998, p. 15).

Esta crescente modernização da agricultura beneficia os grandes e mais competitivos agricultores, prejudicando os pequenos sem poder aquisitivo, ela gera uma destruição ambiental em função da exploração de muitas áreas, e também a exclusão social de pequenas famílias (ANDRIOLI, 2008, p. 219).

Para Siqueira, “a modernização agrícola aumenta a produção, a produtividade e a rentabilidade da agricultura, porém, traz como consequência, principalmente, o desemprego de um grande número de trabalhadores rurais” (2012, p. 13).

Em outro direcionamento, Souza, Souza e Carneiro, argumentam que em algumas regiões a tecnologia é fundamental para a sobrevivência na lavoura. Por exemplo, em uma região que possui baixo índice de chuva, um sistema de irrigação nas plantações torna-se necessário. O clima no Brasil é muito diversificado e as plantações dependem de um clima favorável para gerar renda. Em alguns casos, a tecnologia vem para alimentar a esperança e melhorar as condições de vida na lavoura (2013, p. 128).

Apesar de a modernização ter trazido no seu bojo uma proposta homogeneizadora de progresso, o quadro que se estabeleceu no campo, no Brasil, apresentou um caráter heterogêneo. Culturas mecanizadas, pautadas em monoculturas, visando excedentes exportáveis se relacionam com culturas tradicionais baseadas em multiculturas e agricultura de subsistência, gerando gradativamente, no decorrer dos anos, uma marginalização do pequeno agricultor e o êxodo rural (MARTIGNON, 2013, p. 21).

Relacionando a tecnologia com a agricultura, o campo é beneficiado no sentido de redução do trabalho braçal e do sofrimento com o trabalho pesado. Em contrapartida, a modernização gera uma grande desigualdade social e expulsa muitas famílias de pequenos agricultores da agricultura. Para os agricultores com maior poder aquisitivo, a tecnologia só traz vantagens, pois estes conseguem adquirir uma variedade de máquinas modernas que facilita o trabalho na lavoura. Já para agricultores com menor poder aquisitivo, o custo para adquirir maquinários se torna muito alto, e, em muitos casos, gera o endividamento em muitas famílias, que se sentem obrigadas a migrar para a área urbana em busca de uma melhor renda e melhores condições de vida.

2.5 PERSPECTIVAS DOS JOVENS DO MEIO RURAL

Os jovens representam para a agricultura familiar a continuidade das atividades dos pais. Este capítulo tem por objetivo observar como os jovens rurais se posicionam perante uma perspectiva de futuro, de assumir ou não a atividade agrícola.

Os agricultores familiares têm interesse que seus filhos continuem com a atividade exercida por eles, pois em muitos casos foram feitos muitos investimentos na lavoura e na propriedade, sendo constituído um patrimônio familiar com valor não apenas econômico, mas também simbólico e afetivo (SIQUEIRA, 2004, p. 14).

Tradicionalmente, a sucessão dos pais pelos filhos é dada pela permanência de pelo menos um dos filhos na propriedade, sendo que a autoridade paterna é quem dita as regras da organização interna familiar (SPANVELLO; DREBES; LAGO, 2011, s/p).

A migração dos jovens do campo para a cidade demonstra regularidade nas últimas décadas. Existe uma série de fatores que levam os jovens a tomar essa decisão. De um lado estão os atrativos da vida urbana; de outro, estão as dificuldades de trabalho no meio rural. Na hora de decidir sobre a migração, os fatores de expulsão sempre vêm antes dos fatores de atração. Assim, são colocados na balança os aspectos negativos da vida no interior e as perspectivas futuras no novo ambiente, que é o urbano (BRUMER, 2007, p. 36).

Na migração de jovens de ambos os sexos, com mais frequência de jovens do sexo feminino, os fatores que também influenciam são as transformações ocorridas nas suas

aspirações, proporcionadas pelo desenvolvimento dos meios de comunicação e de transporte, que aproximam o meio rural da cidade. Com isso, os jovens rurais recebem mais informações e têm um maior contato com os da cidade (BRUMER, 2004, p. 219).

Para Santos,

As migrações provocam o que muitos autores chamam de desterritorialização e desculturização. “O jovem do campo” quando vai para a cidade, deixa a cultura herdada e encontra outra, em um espaço que não ajudou a criar, que não faz parte de sua memória, de sua história. É uma alienação! No novo lugar, ele terá que recriar as relações, pois sua experiência de vida ficou para trás, e novas experiências serão recriadas na nova residência. Sua relação com os novos vizinhos vai ajudá-lo a ter um novo entendimento da nova realidade, e o processo de alienação vai dando lugar a um novo processo de integração, mudando sua forma de ver e sentir o mundo (*apud* SILVA; CEREDA, 2010, p. 8).

Savian acredita que “na agricultura familiar a ausência de jovens coloca em risco a existência dos estabelecimentos, pois a falta de sucessão impossibilita a reprodução social dessa categoria” (2011, p.9).

Para Siqueira, “a educação formal nos últimos anos vem ganhando maior importância junto aos jovens, que vêem a educação como uma forma de melhorar a vida ou subir na vida” (SIQUEIRA, 2004, p. 59).

Em função de uma série de fatores, os jovens vão analisando e fazendo comparações sobre o modo de vida rural e agrícola, e como seria sua vida na cidade, podendo ocasionar uma visão majoritariamente negativa da condição agrícola. Nesse caso, os filhos podem querer ou não permanecer no campo, reproduzindo a ocupação de seus pais, podendo optar pela saída do meio rural ao perceberem os trabalhos urbanos como melhores e mais bem remunerados (BOURDIEU, *apud* SPANEVELLO, *et al*, 2011, p. 295).

O lazer é um aspecto importante para o desenvolvimento pessoal, social e econômico, e também um fator fundamental para a qualidade de vida. Levando em consideração o frequente êxodo rural de jovens para a cidade, é possível questionar o tipo de lazer a que o jovem do campo tem acesso (SILVA; CEREDA, 2010, p. 7).

Muitos jovens, filhos de agricultores familiares, migram para a cidade em busca de fatores atrativos. Pensando nisso, o lazer no campo seria um importante componente para a reconstrução do rural, pois diminuiria o fluxo de migração dos jovens para a cidade,

umentando a reprodução socioeconômica das famílias na agricultura, a garantia de acesso e qualidade dos alimentos, a manutenção do tecido social e cultural, e a preservação dos recursos naturais (MARTIGNON, 2013, p. 24).

A agricultura familiar é responsável pelo abastecimento de 70% da alimentação básica no país, e, atualmente, essa produção sofre quedas em função do êxodo rural dos jovens. A família fica sem um sucessor para continuar os trabalhos. Consequentemente, a agricultura pode mudar drasticamente nos próximos anos (GARCIA, 2012, p. 17).

Na visão de Savian, sobre a saída de jovens do campo, um fator que influencia a decisão dos jovens de optar pelo urbano é o assalariamento, pois enquanto eles vivem no campo, a divisão da remuneração está concentrada na figura paterna, o que gera uma relação de dependência dos filhos. Assim, eles precisam recorrer aos pais quando demandam consumir algo. Por isso, muitos dos jovens querem ter sua renda própria e a livre decisão de como utilizá-la (2011, p. 23).

Como aspectos positivos na lavoura, os jovens ressaltam a vida própria, que não depende de decisões de um patrão; como aspectos negativos, eles dizem que as atividades agrícolas são sofridas, que submetem os agricultores ao calor e ao frio, o salário é aleatório, e nunca é um valor fixo, pois depende muito de questões climáticas (BRUMER, 2007, p. 37).

Alguns jovens, a partir do momento que começam a frequentar a escola na cidade, passam a ter uma visão diferente do interior e começam a comparar as duas situações, pois na cidade há uma integração maior e mais relações sociais entre as pessoas (BRUMER, 2007, p. 40).

Na mesma linha de pensamento, Savian argumenta que, com o desenvolvimento da sociedade, ocorre a concentração da produção e da população na cidade. Com isso, surgem muitas e diferentes oportunidades de emprego. Assim como se desenvolve entretenimento, lazer, educação e muitos outros atrativos, na visão dos jovens o ambiente urbano é visto como o espaço que concentra as oportunidades de crescimento e lazer (2011, p. 20).

Nestes últimos anos, o jovem tem procurado obter renda indo para a cidade, ou procurando trabalho em outros estabelecimentos agrícolas, pois os custos de produção vêm crescendo em função do aumento dos preços de adubos, venenos, e de produtos agrícolas necessários para a produção. o custo não acompanha o preço dos produtos vendidos, resultando numa baixa renda, e dificultando o sustento de todos os membros da família (GARCIA, 2012, p. 18).

“A falta de algumas condições urbanas no meio rural, como internet e outras funcionalidades modernas também representa para os jovens fatores motivadores para a saída do campo” (GARCIA, 2012, p. 18).

Savian acredita que o êxodo de jovens pode significar violência e insegurança, devido ao afastamento das relações de proximidade e confiança estabelecidas no ambiente do jovem rural. Optar pela vida na cidade pode ter muitas consequências, como o afastamento das relações com parentes, e até mesmo com os próprios pais, significando a perda da relação com o patrimônio da família (2011, p. 20).

Muitos pais, calejados pelo trabalho pesado ao longo da vida, sofridos pela falta de uma política agrícola que privilegie o pequeno agricultor, almejam para seus filhos melhores condições de vida. Isso inclui fatores como trabalho com menor esforço, melhores condições financeiras, e, principalmente, uma melhor educação. Ao analisar essas possibilidades, os pais acabam “empurrando” os filhos para a cidade, na esperança de um futuro promissor para eles (SILVA; CEREDA, 2010, p. 18).

Como consequência dessa grande migração dos jovens, muitas propriedades de agricultores familiares podem passar pelo processo de abandono, pela falta de sucessão dos filhos no trabalho. Elas também poderão ser incorporadas por propriedades maiores ou trabalhadores liberais, e, conseqüentemente, gerando risco à reprodução da agricultura familiar (SPANVELLO; DREBES; LAGO, 2011, s/p).

No entanto, não podemos considerar somente fatores negativos no processo de migração dos jovens, pois em certos casos, como por exemplo, de pobreza, os filhos saem da lavoura e acabam ajudando seus pais na parte financeira. O fator mais preocupante nesse caso, é quando a migração acontece de forma mais seletiva, ou seja, mais por mulheres, esta situação cria dificuldades no processo de geração de novas famílias, em razão da falta de esposas no meio rural (SPANVELLO, 2008, p. 21).

Nota-se, no decorrer do capítulo, a importância que a juventude tem em relação à continuidade da agricultura familiar. Se a migração dos jovens para a cidade continuar em grande escala, a agricultura corre um grande risco de mudar drasticamente nos próximos anos, pois as famílias não terão sucessores para dar continuidade aos trabalhos da agricultura. Na opinião dos autores acima citados, os principais motivos dessa desistência dos jovens pela vida na agricultura são:

- Atrativos da vida urbana;
- Dificuldades de trabalho no meio rural;

- Educação;
- Trabalhos urbanos melhor remunerados.

2.6 ENVELHECIMENTO E MASCULINIZAÇÃO DO CAMPO

O envelhecimento do campo é causado pelo êxodo rural dos jovens, que migram em grande frequência, iludidos pelos atrativos que a vida urbana oferece. Dentre os jovens, os que mais migram são mulheres, gerando a masculinização do campo, outra consequência para a agricultura familiar. Através da ideia de autores citadas ao longo do capítulo, conheceremos quais os principais fatores que influenciam esses jovens, principalmente as jovens mulheres, a desistirem da vida na lavoura.

Em alguns casos, com a saída dos filhos do meio rural, os pais de mais idade, acabam cansando do trabalho pesado e, não tendo mais capacidade física, acabam vendendo ou alugando a propriedade. Ao se aposentarem, migram para a cidade, tornando-se mais uma família enquadrada no êxodo rural (SPANVELLO, 2008, p. 20).

Os jovens e as jovens pensam diferente sobre a permanência no campo. Para Siqueira, os homens, que têm a perspectiva de herdar a terra dos pais, valorizam mais a atividade agrícola e a permanência no campo e valorizam menos a escolaridade. As mulheres, por sua vez, não possuem expectativas de herdar a terra, e, assim, valorizam mais a escolaridade, pois vêm no estudo uma alternativa para a busca de outra atividade profissional (SIQUEIRA, 2004, p. 17).

A mulher se sente invisível na agricultura familiar, quando se fala em divisão das tarefas e também no processo de tomada de decisão. Como consequência disso, elas se desinteressam pelas atividades na agricultura e pensam em ir para a cidade. Muitos jovens que trabalham desde cedo, ajudando a família, e não sendo remunerados, pensam em migrar para a cidade para não ser mais dependente do pai (SIQUEIRA, 2004, p. 96).

Na visão de Brumer, os aspectos explicativos da seletividade no processo migratório são:

A seletividade da migração por idade e sexo pode ser explicada, em grande parte pela falta de oportunidades existente no meio rural para a inserção dos jovens, de forma independente da tutela dos pais; pela forma como ocorre a divisão do trabalho no interior dos estabelecimentos agropecuários e pela relativa invisibilidade do trabalho executado por crianças, jovens e mulheres; pelas tradições culturais que priorizam os homens às mulheres na execução dos trabalhos agropecuários mais especializados, tecnificados e mecanizados, na chefia do estabelecimento e na comercialização dos produtos; pelas oportunidades de trabalho parcial ou de empregos fora da agricultura para a população residente no meio rural; e pela exclusão das mulheres na herança da terra (2004, p. 210).

Segundo Abramovay e Camarano (*apud* TELÓ; DAVID, 2012, s/p), o êxodo rural provoca consequências preocupantes. Uma delas é o envelhecimento e a masculinização do campo, pois grande número de pessoas que migram do campo para a cidade é jovem. Na maioria das vezes, o jovem sai para estudar e obter melhores condições de vida no meio urbano. Antigamente o êxodo maior era masculino, pois as mulheres encontravam dificuldades para arrumar emprego nas fábricas. Com o tempo, isso foi mudando, e elas provaram que também são capazes. A partir daí, abriram-se possibilidades de mulheres também tentarem uma nova vida na cidade, acarretando uma presença maior de homens no campo.

Para Brumer (*apud* SIQUEIRA, 2004, p. 15),

As mulheres jovens têm menor interesse do que os rapazes em permanecer na atividade agrícola, porque seus trabalhos nessa atividade assumem um caráter apenas secundário, aparecendo geralmente como “ajuda” ao trabalho desenvolvido pelos homens. Além disso, as mulheres quase sempre são excluídas da herança da terra.

Garcia argumenta que, no processo sucessório do campo, as filhas de agricultores familiares não pretendem ser sucessoras de seus pais, pois argumentam que há certa discriminação de gênero. No caso de filhos de agricultores, estes só ficarão no campo se os trabalhos agrícolas permitirem qualidade de vida e se a renda for satisfatória. Outro fator que provoca a saída dos jovens do campo é a falta de autonomia dos jovens para tomarem decisões na propriedade, pois a tomada de decisões está centrada na figura do pai (2012, p. 17).

Em relação à educação rural, esta aparece mais forte entre as mulheres, pois o trabalho delas é, geralmente, excluído da atividade agrícola. A tarefa das mulheres, normalmente, e a de limpeza, preparo das refeições, etc. Como consequência, essa situação gera a masculinização do campo, pois as jovens mulheres buscam alternativas para sua realização pessoal e também para ter sua própria renda. Como elas buscam isso no ambiente urbano, aos poucos vai diminuindo a população feminina. Com isso se reduz a chance de rapazes que continuam no campo se casarem, pois as moças que migram para a cidade, dificilmente desejam voltar a morar no interior (WEISHEIMER, *et al*, 2013, p. 148).

Silva e Cereda resumem a problemática: “Sem jovens é impossível conseguir sustentabilidade para as atividades, levando ao envelhecimento da população rural, que tem dificuldades em assumir as tarefas pesadas do campo” (2010, p. 2).

Nesse contexto, percebe-se a necessidade de iniciativas que incentive a permanência de jovens no campo, pois a população rural está envelhecendo. Os pais, com uma idade mais avançada, não têm mais condições físicas e de saúde para continuar os trabalhos, sendo obrigados a viver de aposentadorias e pensões. As jovens mulheres estão cada vez mais desmotivadas com os trabalhos na agricultura, principalmente por não possuírem renda fixa, e, sendo assim, procuram escolarização e trabalho na cidade.

2.7 IMPACTOS DO ÊXODO RURAL NA GESTÃO DAS CIDADES

A forte migração de pessoas da lavoura para o urbano não gera problemas somente para a agricultura familiar, mas também para a gestão das cidades. O ambiente urbano cresce cada dia mais, muitas vezes sem um planejamento adequado para receber tantos habitantes, acarretando muitos problemas sociais, principalmente para as pessoas que migraram.

Ao longo do processo de crescimento urbano, observa-se que grande parte das pessoas são as que migram do campo para a cidade. Essa população migra por vários motivos, como por exemplo, melhores condições de vida, de trabalho, saúde, lazer, segurança, proximidade do comércio. A partir dessa situação, as cidades crescem desordenadamente, pois a maioria não está preparada para receber tanta população, resultando em péssimas condições de moradia das famílias (SOARES, 2012, p. 15).

No entendimento de Araújo, a migração para aglomerados urbanos tem sido um processo comum e constante em todas as sociedades. Esse fenômeno tem representado um problema grave, pelo volume de pessoas que migram do campo para a cidade. O êxodo de cerca de trinta milhões de pessoas do campo que migraram para a cidade, traz sérios problemas para os migrantes e para as localidades que os acolhe, sem a devida estrutura para uma vida digna (2000, p. 35).

Para Siqueira, o êxodo rural provoca um crescimento descontrolado da população urbana e é responsável por muitos problemas. Um deles é a violência, que presenciamos diariamente não só em grandes centros, mas em todo o país de uma forma geral, e que também resulta em um desequilíbrio demográfico. Em meio a tantos problemas, a família é a mais afetada, pois acontece uma transformação radical na vida dos seus membros: o ritmo de vida já não é mais o mesmo, cada membro tem um horário diferente de trabalho, o que impede que a família tenha seus momentos para se reunir (2012, p.15).

“A migração rural–urbana desordenada agravou as crises de desemprego das cidades, principalmente, nas depressões” (ALVES, 2006, p. 41).

O crescimento urbano descontrolado provoca danos ao meio ambiente, o poder público não acompanha o acelerado crescimento e não investe em casas, e infraestrutura para acomodar os habitantes. Por conseguinte, são ocupadas áreas sem planejamento urbano e, principalmente, sem saneamento básico, como por exemplo, construções de casas em margem de rios, causando poluição das águas, muitos esgotos aparecendo demasiado próximo das casas. Esses problemas são graves e prejudiciais às famílias que vivem em lugares sem condições nenhuma de moradia (SOARES, 2012, p. 13).

“O crescimento da população influencia as taxas de urbanização: a grande maioria dos nascimentos ocorre na população urbanizada e não há retorno aos campos” (ALVES, 2006, p. 22).

De fato, esse crescente povoamento das cidades é preocupante, os campos estão cada vez mais vazios, e a cidade depende da agricultura familiar para sobreviver, pois é a agricultura que leva alimento para a mesa das famílias urbanas.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, será apresentado o delineamento da pesquisa, mostrando sua categorização quanto aos objetivos, abordagem e procedimentos técnicos, e, em seguida, as variáveis de estudo. Na próxima etapa será apresentada a população e a amostra que descreve as características dos grupos a serem estudados.

Na sequência, serão apresentadas as técnicas de coleta de dados e, após, como os dados serão expostos.

A metodologia pode ser definida como o estudo e a avaliação dos diversos métodos. Ela permite a escolha da melhor maneira de abordar determinado problema, integrando os conhecimentos a respeito dos métodos em vigor nas diferentes disciplinas científicas (DIEHL; TATIM, 2004, pg. 48).

3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA

Este trabalho possui algumas formas de delineamentos de pesquisa. Quanto aos objetivos, ela é de forma exploratória e descritiva. Segundo Gil (2002, p. 41), pesquisas exploratórias têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que essas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições.

Diehl e Tatim destacam a pesquisa descritiva objetiva como “a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis” (2004, p. 53-54).

Quanto à abordagem, a pesquisa é do tipo mista (quanti-quali). Diehl e Tatim (2004, p. 52) afirmam que os estudos qualitativos podem descrever a complexidade de determinado problema e a interação de certas variáveis, e compreender e classificar os processos dinâmicos vividos por grupos sociais, possibilitando o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos.

O Procedimento técnico se caracteriza pelo tipo levantamento. Segundo Diehl e Tatim (2004, p. 60), as pesquisas desse tipo caracterizam-se pelo questionamento direto das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer. Nesse contexto, procedem-se as solicitações de informações a um grupo de pessoas acerca da problemática estudada. Após, far-se-á a análise dos dados coletados, para chegar às devidas conclusões.

3.2 VARIÁVEIS DE ESTUDO

As variáveis a serem estudadas são: as condições de vida da agricultura familiar, os motivos do Êxodo rural, e o quadro atual das famílias na vida urbana.

No contexto desse estudo, as condições de vida da agricultura familiar são entendidas como fatores determinantes da permanência dos agricultores no campo, ou da expulsão destes para as cidades. Já os motivos do êxodo rural são as razões apresentadas pelos entrevistados para deixarem o campo.

Por fim, o quadro atual das famílias na vida urbana busca compreender as realizações e dificuldades vivenciadas por pessoas que optaram por essa vida. Todas as variáveis serão reconhecidas através de interrogação direta dos pesquisados.

3.3 POPULAÇÃO E AMOSTRA

Nesta etapa, existem dois grupos a serem estudados. No grupo um, serão entrevistados agricultores que ainda residem na área rural, uma quantidade de vinte homens; No grupo dois, serão entrevistados homens que migraram do campo para a cidade, também um total de vinte pessoas.

Os entrevistados foram selecionados pela facilidade de acesso a sua residência e por sua disponibilidade em responder, voluntariamente, às questões formuladas. Caracteriza-se como uma amostra não probabilística por acessibilidade. Para preservar a individualidade dos entrevistados, eles são apresentados por números.

“Na pesquisa científica, em que se quer conhecer as características de uma determinada população, é comum observar apenas uma amostra de seus elementos e, a partir dos resultados dessa amostra, obter valores aproximados, ou estimativos, para as características de interesse” (DIEHL; TATIM, 2004, p. 63).

3.4 PROCEDIMENTO E TÉCNICAS DE COLETA DE DADOS

No primeiro momento, o pesquisador deve localizar os grupos e fazer um levantamento de dados deles, podendo ser através da observação, de questionários, de entrevistas e mesmo de registros documentais, quando estes estão disponíveis (GIL, 2002, p. 104).

A coleta de dados será feita em forma de entrevista. Em primeiro lugar, com agricultores que ainda ganham sua vida trabalhando na lavoura (APÊNDICE A), e, em segundo, entrevista com famílias que optaram pela vida urbana (APÊNDICE B).

A entrevista é um encontro entre duas pessoas, cujo objetivo é que uma delas obtenha informações sobre certo assunto. É um procedimento utilizado na investigação social, para a

coleta de dados, ou para auxiliar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social (DIEHL; TATIM, 2004, p. 66).

3.5 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

“Uma vez manipulados os dados e obtidos os resultados, o passo seguinte é a análise e interpretação destes, constituindo-se ambas no núcleo central da pesquisa” (OLIVEIRA, 2002, p. 184).

“Na pesquisa de caráter, tanto quantitativo quanto qualitativo, existe a necessidade de organizar os dados coletados para que eles possam ser interpretados pelo pesquisador” (DIEHL; TATIM, 2004, p. 82).

Ao final de uma pesquisa qualitativa, o pesquisador se depara com uma quantidade imensa de notas, de pesquisa ou depoimentos, materializados em forma de texto. Mas para cada tipo de pesquisa e de material colhido, existem instrumentos específicos de análise de dados (DIEHL; TATIM, 2004, p. 82).

O valor de uma pesquisa está relacionado à maneira como foram analisados e interpretado os dados, porém quando esta interpretação é feita de maneira simplificada, chega-se a resultados não confiáveis. Para a efetiva interpretação de dados, é necessário, proceder à análise lógica das relações, com sólido apoio em teorias e mediante a comparação com outros estudos (GIL, 2002, p. 195).

No presente estudo, os dados coletados a campo foram transcritos em tabelas com agrupamento por questões, a partir das quais se buscaram identificar termos comuns nas respostas, caracterizando o uso da técnica de análise de conteúdo. Sempre que havia quantidade significativa de termos comuns, foram elaboradas tabelas de contagem de frequência; quando tal não ocorreu, optou-se pela apresentação descritiva das informações. Sempre que determinada afirmação de algum entrevistado foi julgada significativa, transcreveu-se, literalmente, a resposta.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, são apresentados os dados coletados no trabalho de campo e a respectiva análise. O texto inicia com uma descrição geral da agricultura da região e as características do público pesquisado. Na seqüência, são apresentadas as percepções dos produtores rurais que ainda estão no campo; por fim, apresentam-se as percepções daqueles agricultores que deixaram o campo e hoje vivem no meio urbano. Para o fechamento do capítulo, são apresentadas as sugestões e recomendações do estudo.

4.1 CARACTERIZAÇÃO DO AMBIENTE E DOS GRUPOS ESTUDADOS

A região onde foram realizadas as entrevistas é de agricultura diversificada, sendo esta forma, a mais viável em virtude do clima, do tipo de solo e do tamanho da propriedade. Especificamente, as pessoas entrevistadas, em muitos casos, produzem alimentos que são vendidos direto ao consumidor, diferenciando as atividades realizadas por agricultores de maior potencial.

Na primeira tabela é apresentada a faixa etária do público masculino entrevistado. Com o resultado, percebe-se que a faixa etária predominante das pessoas que residem no interior é acima de 40 anos. A faixa etária predominante das pessoas que residem no meio urbano é até 40 anos. Com isso, pode-se afirmar que a migração para a cidade acontece em maior quantidade em pessoas mais jovens, evidenciando o envelhecimento rural.

Tabela 1 – Faixa etária dos entrevistados

Faixa etária	Residem no interior	Residem na cidade	Soma
De 30 a 40 anos	1	9	10
Entre 41 a 50 anos	10	4	14
Mais de 50 anos	9	7	16
SOMA	20	20	40

Fonte: Dados primários, 2013.

Com relação à educação e à formação educacional dos entrevistados, pode-se perceber através dos dados obtidos, de que a dificuldade de acesso a instituições de ensino tornaram a população atual do interior menos alfabetizada do que a geração de pessoas que trocaram o campo pela cidade. Sendo assim, podem-se perceber, na tabela, casos de pessoas que concluíram o ensino médio, ou até mesmo o ensino superior, após estarem morando no meio urbano.

Tabela 2 – Grau de escolaridade

Grau de escolaridade	Residem no interior	Residem na cidade	Soma
Antigo primário	1	2	3
Antigo ginásio	-	-	-
Fundamental Incompleto	14	4	18
Fundamental completo	4	4	8
Segundo grau incompleto	-	1	1
Segundo grau completo	1	3	4
Ensino superior incompleto	-	2	2
Ensino superior completo	-	4	4
SOMA	20	20	40

Fonte: Dados primários, 2013.

Com relação ao estado civil dos entrevistados, observa-se que tanto o entrevistado que reside no campo quanto o que migrou para a cidade, é casado, e tem uma família formada.

Tabela 3 – Estado civil dos entrevistados

Estado civil	Residem no interior	Residem na cidade	Soma
Solteiro	1	1	2
Casado	19	19	38
Viúvo	-	-	-
Divorciado	-	-	-
SOMA	20	20	40

Fonte: Dados primários, 2013.

No questionamento feito com relação à quantidade de filhos, nota-se que nos últimos anos, até mesmo no caso das famílias rurais, a quantidade de filhos diminuiu. Os pais de família entrevistados, normalmente eram filhos de casais que tiveram cinco filhos ou mais. Porém, atualmente, a quantidade de filhos predominante é de, no máximo, dois.

Situação semelhante ocorre no caso das famílias que saíram do campo, resultando desta forma um aumento na população urbana e, em proporção, uma diminuição de pessoas no campo, mesmo sem levar em conta o êxodo rural. Ou seja, estão nascendo menos pessoas no campo, resultando no um envelhecimento rural pela falta de sucessão.

Tabela 4 – Quantidade de filhos

Quantidade de filhos	Residem no interior	Residem na cidade	Soma
Nenhum	2	4	6
Um filho	1	7	8
Dois filhos	10	3	13
Três filhos	6	5	11
Mais de três filhos	1	1	2
SOMA	20	20	40

Fonte: Dados primários, 2013.

Com relação ao tempo de residência na cidade, podemos observar que houve um tempo, onde o êxodo foi mais intenso, diminuindo com o passar dos anos. Dos 20 entrevistados, 13 responderam que estão na cidade há mais de sete anos.

Tabela 5 – Tempo que o entrevistado reside na cidade

Tempo de residência na cidade	Residem no interior	Residem na cidade	Soma
Menos de um ano	-	-	-
De um a quatro anos	-	4	4
De cinco a sete anos	-	3	3
Outros tempos	-	13	13
SOMA	-	20	20

Fonte: Dados primários, 2013.

4.2 ANÁLISE DE AGRICULTORES QUE RESIDEM NO CAMPO

4.2.1 Tipo de atividades desenvolvidas na propriedade

No meio rural, buscou-se fazer um levantamento das principais atividades desenvolvidas pelas famílias de agricultores familiares. A atividade mais presente nas propriedades rurais é a produção de leite. Os entrevistados disseram que é a atividade que mais viabiliza, atualmente, principalmente porque depende menos das condições climáticas para gerar renda.

Em seguida, vem o cultivo de grãos, como soja, milho e trigo, porém, em muitos casos, tal atividade é complementada com a produção de leite, para aumentar ou garantir a renda para o sustento da família.

Neste questionamento, também foi mencionado, pelos entrevistados, o cultivo de laranja e uva, como complemento de outras atividades e da renda. No caso do cultivo da laranja, há uma baixa produção, devido à dificuldade de escoamento, manutenção permanente da planta e o baixo preço pago pelo produto.

O leite produzido no interior do município tem se tornado nos últimos dez anos uma fonte segura de renda, e a melhor opção para os agricultores. Dentre os fatores que influenciaram e incentivaram essa prática, estão às inúmeras ações por parte das secretarias

municipais de agricultura e as Cooperativas de recebimento, que, além de facilitarem a comercialização do leite, investiram em tecnologia e assistência técnica aos produtores, com o objetivo de melhorar e aumentar a produção.

4.2.2 Análise quanto ao trabalho realizado atualmente

Nesta etapa, busca-se avaliar se as atividades desenvolvidas na propriedade, atualmente, estão correspondendo às expectativas dos agricultores, ou eles estão insatisfeitos com o trabalho e os resultados.

Tabela 6 – Nível de satisfação com o trabalho atual

Fatores citados	Qtde. citações(*)
Satisfeito	15
Insatisfeito	5

Fonte: Dados primários, 2013.

Dos 20 entrevistados, 15 responderam estar satisfeitos com a situação em que se encontram. É notável, por parte de alguns, a busca por novos conhecimentos e técnicas para melhoria e aumento de produção, ao que se pode atribuir a satisfação deles. Como exemplo, cita-se a resposta do Entrevistado 3, que declarou estar contente com os resultados que está obtendo, e, por isso, está buscando cada vez mais conhecimentos e práticas, que possam ser aplicadas na melhoria de rendimento do seu dia a dia de trabalho.

Quanto aos insatisfeitos com a situação atual, através das respostas, pode-se concluir que são casos isolados, onde muitas vezes os proprietários já se encontram em idade avançada, com dificuldade de mão de obra, ou, ainda, pelo fato de os filhos não residirem mais no interior, e, desta forma, desestimulam os próprios pais na busca pelo progresso e continuidade nas atividades rurais.

Ao analisar os dados de insatisfação quanto à ausência dos filhos no campo, se percebe que eles estão totalmente de acordo com o que afirma Spanevello (2008, p.20). Em alguns casos, com a saída dos filhos do meio rural, os pais de mais idade, acabam cansando

do trabalho pesado e, não tendo mais capacidade física, acabam vendendo ou alugando a propriedade a outras pessoas. Assim, eles se aposentam e migram para a cidade, e se tornam mais uma família enquadrada no êxodo rural.

4.2.3 Análise dos resultados financeiros

Este questionamento tem por objetivo saber dos agricultores qual é a atual situação da agricultura em relação aos resultados financeiros gerados. Se os agricultores familiares estão satisfeitos ou insatisfeitos com o lucro na lavoura.

Tabela 7 – Nível de satisfação com os resultados financeiros

Fatores citados	Qtde. citações(*)
Satisfeito	10
Insatisfeito	10

Fonte: Dados primários, 2013.

O quadro da agricultura evoluiu bastante, os agricultores podem contar com mais recursos de trabalho para as tarefas desenvolvidas na propriedade. Em função disso, dez dos 20 entrevistados responderam estar satisfeitos com a margem de lucro obtida; eles responderam que a agricultura melhorou bastante, e isso os incentiva a continuar na lavoura.

A insatisfação está presente nos depoimentos de dez pessoas, que dizem estar descontentes com os altos preços dos insumos e produtos usados na lavoura. Elas argumentam que estes não acompanham o preço dos produtos vendidos, e, conseqüentemente, geram endividamento, sendo que a margem de lucro é pequena, dificultando o sustento das famílias, principalmente as maiores.

O conceito de Alves (2006, p. 17) complementa a ideia dos insatisfeitos, de que o fator que mais leva as famílias para as cidades é a renda, e a baixa lucratividade dos trabalhos na lavoura em relação à cidade é o fator que comanda o êxodo rural.

4.2.4 Em relação às perspectivas futuras

Quanto ao questionamento, busca-se identificar se os entrevistados pensam em continuar na lavoura ou migrar para a cidade. Ao questionar os agricultores, 18 dos 20 entrevistados responderam que a ideia é permanecer na lavoura, em função de vários motivos citados no texto abaixo.

Tabela 8 – Continuar no campo/migrar para a cidade

Fatores citados	Qtde. citações(*)
Permanecer na lavoura	18
Migrar para a cidade	2

Fonte: Dados primários, 2013

Permanecer na lavoura foi a resposta de 18 entrevistados, as razões são múltiplas. Cabe aqui destacar o depoimento do Entrevistado 3: “Penso em ficar na agricultura até aguentar o ritmo de trabalho, pois é um costume morar no interior”. Muitos dos agricultores permanecem no campo, com a ideia de que não iriam se acostumar com o ritmo da cidade, em função de ter nascido e se criado no campo, e porque dizem saber e ser acostumados a mexer na terra.

Outros pensam em continuar na lavoura até que os filhos decidam se darão continuidade aos trabalhos da família, ou se a decisão será migrar para a cidade. Em muitos casos, a migração das famílias acontece em função de que os filhos optam pela cidade, e os pais ficam sozinhos; ao se aposentar, migram para a cidade, também, em função de que não conseguem mais desenvolver os trabalhos da agricultura, em razão da idade e, muitas vezes, por problemas de saúde.

O Entrevistado 16 relata, resumidamente, a razão de permanência na lavoura: “Penso em continuar no interior, por uns cinco anos, talvez, até pagar os investimentos que foram feitos na terra”. Os investimentos foram lembrados por muitos dos entrevistados, que dizem que, para continuar na lavoura, é necessário investir em culturas diferentes, máquinas, pois sem esses a agricultura para no tempo, e os grandes tomam conta das áreas.

Somente dois dos agricultores entrevistados disseram que a ideia é migrar para o urbano, quando se aposentarem, em função de que os filhos já estão morando na cidade e que eles não estão mais aguentando a jornada de trabalho do interior.

4.2.5 Visão dos agricultores em relação ao clima

As atividades na lavoura dependem muito das condições climáticas, e, na visão dos 20 agricultores entrevistados, todos responderam que o clima, atualmente, é desfavorável, por estar muito desregulado. Ou faz muita chuva, ou muito sol, frio em épocas de calor e geadas fortes.

A maioria das modalidades da agricultura é prejudicada por este fator. Ele gera atrasos no plantio das lavouras, perdas nas plantações, e, como consequência disso, vem o endividamento das famílias e a falta de renda para o seu sustento.

Em função dessas preocupações, inseguranças e dúvidas de apostar e investir na lavoura, muitas famílias estão se desmotivando e migrando para as cidades, à procura de uma renda fixa.

4.2.6 Visão dos agricultores em relação às linhas de crédito

Como resposta a este questionamento, obteve-se uma aprovação por parte dos agricultores, sendo que alguns relataram ainda que sem as linhas de crédito existentes, hoje não estariam mais no campo. Taxas de juros acessíveis, diferentes linhas de crédito, possibilidade de renegociação, entre outras facilidades para custeio financeiro, estão atendendo às expectativas dos agricultores. O Entrevistado 6 resume este assunto: “As linhas de créditos são ótimas, tem recurso pra tudo”.

Mesmo obtendo-se respostas positivas com relação a este assunto, pode-se comentar sobre alguns relatos destacados pelos agricultores, que se dizem satisfeitos com as facilidades de financiar lavouras e custeios. Porém, há algum tempo, estes financiamentos estão sendo feitos para quitar outros que, por motivo de baixa produção, ou outro fator desconhecidos estiveram em atraso nas Cooperativas de Créditos ou em entidades financeiras, gerando assim um descontrole na administração das contas da família.

Pode-se dizer que mesmo com alguns casos isolados de endividamento, às linhas de crédito estão ajudando a manter a agricultura familiar.

4.2.7 Visão dos agricultores em relação ao preço dos insumos e produtos

Com relação às respostas obtidas neste assunto, brevemente pode-se concluir que insumos, sementes e defensivos, estão em um descompasso quando relacionados com o preço final da semente ou produção, independentemente do cultivo. Da mesma forma que as linhas de crédito tiveram aprovação dos agricultores, as questões dos custos de produção tiveram uma insatisfação generalizada.

Quando questionados sobre esse assunto, em sua totalidade, responderam que está cada dia mais alto o custo de plantio e manutenção das lavouras, tendo em vista que a cada safra surgem novas pragas. Com elas, surgem novos defensivos e semente tratadas, facilitando o controle. Porém, acompanham essa evolução os altos preços.

No caso da agricultura familiar, há vários fatores que geram maior custo para a produção, além dos altos preços dos produtos, como aluguéis de máquinas para plantio, manutenção e colheita. Pode-se citar o comentário feito pelo Entrevistado 17: “O preço dos insumos e da ração são altos. Pago para plantar e também para colher, pois não tenho maquinário, por isso a margem de lucro, no fim, se torna pequena”.

Para complementar a ideia do agricultor, Garcia (2012, p. 18) destaca que os jovens têm procurado conseguir renda na cidade, ou até mesmo em outros estabelecimentos agrícolas, pois o custo de produção está alto, em função dos preços de adubos, venenos e insumos agrícolas. A produção não acompanha o preço dos produtos vendidos, dificultando a renda e o sustento da família.

Ao analisar de forma mais específica, pode-se citar a contaminação e fraqueza de fertilidade do solo em que se encontram as áreas de terras, em geral, pois à adubação, atualmente, é indispensável, sendo também uma prática que gera custo primário de produção, custo este que há alguns anos não existia.

4.2.8 Visão dos agricultores em relação à tecnologia

Esse assunto tem dividido a opinião dos agricultores. Parte deles, responderam estar satisfeitos com as novas tecnologias, sejam elas relacionadas às novas técnicas para produção, ou mesmo os novos maquinários que estão surgindo. Segundo estes agricultores, cabe a cada um avaliar onde e em o que investir para aumento da lucratividade.

A outra parte dos agricultores que não classificou como positiva as novas tecnologias, argumentam que a área de terra de pequeno porte, a baixa produção e o baixo giro de valores em sua propriedade em época de safra, tornam desvantajoso aderir a maquinários novos e técnicas inovadoras, seguindo a produção e o trabalho diário com equipamentos manuais que, em sua visão, geram maior desgaste físico, porém dão maior lucratividade ao pequeno agricultor.

Direcionam, ainda, aos maiores produtores, como principais beneficiados, sendo que possuem maior poder aquisitivo, e maior área de terras para aplicação de maquinários modernos. Esse dado condiz com a opinião de Aguiar (*apud* PIAZZA, 2011, p. 20) de que toda a tecnologia oferecida ao campo não foi alcançada ou usufruída por todos, o que proporcionou uma inevitável desigualdade, sendo elas de ordem social e econômica, gerando, também, problemas ambientais. Essas desigualdades sociais geraram a divisão de classes e de trabalho, surgindo aqui os pequenos e grandes proprietários de terra.

Complementando a ideia, Andrioli (2008, p. 203) destaca que, com a introdução da tecnologia na agricultura, as famílias estão tendo mais custo para adquirir maquinários, e isso, em muitos casos, está gerando o endividamento, o empobrecimento em muitas famílias, automaticamente, levando-as para áreas urbanas, em busca de uma vida melhor.

4.2.9 Visão dos agricultores em relação aos trabalhos realizados atualmente

A lavoura tem mudado bastante em função de novas tecnologias, e novos financiamentos. Esta questão tem por objetivo saber se os agricultores estão se encontrando com dificuldades ou facilidades na realização das tarefas na agricultura familiar.

Tabela 9 – Facilidade/dificuldade para realizar as tarefas agrícolas

Fatores citados	Qtde. citações(*)
Facilidade na realização do trabalho	15
Dificuldade na realização dos trabalhos	5

Fonte: Dados primários, 2013.

Observando a tabela, de modo geral, 15 dos entrevistados consideram maior facilidade na realização das tarefas no campo. Os entrevistados relacionam facilidade com o conhecimento que têm de suas lavouras. Quanto aos métodos de trabalho, estes dizem ter nascido e crescido na lavoura, sendo assim, possuem uma enorme experiência quando se fala em produção agrícola.

Também foi citada a tecnologia como facilidade na lavoura. Três dos entrevistados responderam que, com o avanço da tecnologia, o trabalho ficou menos braçal, facilitando o plantio, os cuidados e a colheita, agilizando mais o processo e causando menos desgaste físico.

Outra questão foi mencionada no depoimento do Entrevistado 8: “Atualmente, tenho mais facilidade na realização dos trabalhos, o mesmo é terceirizado, pois manual não tenho mais condições de fazer, em função dos agrotóxicos”. No caso desse agricultor com problemas de saúde, sua solução para continuar na lavoura, foi a terceirização dos serviços. Nessa mesma visão, citamos o depoimento do Entrevistado 1: “Tenho mais facilidade, o único problema que enfrento é a dificuldade de encontrar mão de obra quando necessito”.

Dos cinco agricultores que disseram ter dificuldades na realização do trabalho, todos responderam não ter maquinários, em função do custo para adquiri-los, sendo, assim, vão realizando as tarefas de forma braçal. Eles disseram ter dificuldade para encontrar mão de obra, e que a terceirização das lavouras com máquinas é muito cara.

4.2.10 Principais razões para continuar na lavoura

O êxodo rural, atualmente, é uma problemática que faz parte de muitas comunidades rurais. Pensando nisso, neste questionamento, o objetivo é saber por parte dos agricultores, quais as razões principais que ainda motivam a permanência no campo.

Tabela 10 – Razões principais para continuar no campo

Fatores citados	Qtde. citações(*)
Por costume/gostar de viver na lavoura	13
Mais tranquilidade	4
Falta de estudo	2
Dificuldade de se acostumar na cidade	2

Fonte: Dados primários, 2013.

(*) Soma superior à amostra porque questão permitia respostas múltiplas

Quanto ao questionamento, os agricultores responderam ser um costume viver na lavoura, que são filhos de agricultores que também sempre moraram no campo. Dizem gostar das atividades, e que estão dando continuidade aos trabalhos dos pais, sendo o que sabem fazer. Também relatam ser difícil encontrar um emprego na cidade, pois eles não possuem experiência em outro ramo a não ser na atividade agrícola.

O Entrevistado 18 resume sua ideia: “Continuo no campo, porque gosto do que faço e hoje está mais viável a vida na lavoura”. Fazendo uma comparação com antigamente, a agricultura, hoje, esta está mais viável, trazendo esperança para os agricultores continuar no campo, com a ideia de melhorar ainda mais.

Dos 20 entrevistados, quatro responderam que a vida no campo é mais tranquila, pensando no barulho, na agitação e principalmente na alimentação, quando se fala em alimentação no campo, os agricultores respondem que não precisam comprar a maioria dos alimentos, pois eles são produzidos na propriedade e de maneira mais saudável.

Também foi citada a criação dos filhos como fator relevante para as famílias continuarem no campo, pois no campo há menos agitação de festas e menos influência de bebidas e drogas.

Dos agricultores entrevistados, dois mencionaram a falta de estudo, dizendo ter insegurança em migrar para a cidade, pois sem estudo acreditam que não terão chances de conseguir um emprego para sustentar a família.

Alves corrobora com a visão do entrevistado: “O baixo grau de instrução reduz o desejo de mudar de residência. A família teme o desemprego e tem menor capacidade de entender o mercado de trabalho” (2006, p. 18).

Os costumes do interior são bem divergentes dos da cidade. Em função disso, dois dos entrevistados disseram estar acostumados com a vida na lavoura, e que talvez tivessem dificuldades em se acostumar com a vida urbana.

Fazendo uma análise das respostas obtidas, observa-se que os fatores que mais seguram as famílias no campo são os costumes, o gosto pela atividade agrícola e, também, a tranquilidade da vida no campo.

4.2.11 Perspectivas que os agricultores têm em relação à permanência dos filhos no campo

A permanência dos filhos dos agricultores no campo é de fundamental importância para a continuidade da agricultura familiar. Percebe-se que, atualmente, acontece um grande êxodo rural dos jovens. Este questionamento tem por objetivo analisar se a situação do êxodo persevera nas famílias.

Tabela 11 – Perspectivas de permanência dos filhos na lavoura

Fatores citados	Qtde. citações(*)
Já moram na cidade	10
Migrar para a cidade	5
Permanecer no interior	4

Fonte: Dados primários, 2013.

(*) Soma superior à amostra porque questão permitia respostas múltiplas

Pelas respostas coletadas, percebe-se que em dez casos, os filhos já estão morando na cidade, com a anuência dos pais, e nenhum pensa em voltar para a agricultura. O entrevistado

2 relata a atual situação dos seus filhos: “Os filhos já estão na cidade, e não pretendem voltar, pois já estão bem instalados”.

O número de jovens decididos a migrar para a cidade é maior dos que pensam em ficar na lavoura e continuar com os trabalhos dos pais. Esses jovens que pensam em continuar na agricultura são todos filhos homens, gerando a masculinização do campo, e, assim, dificultando a reprodução na agricultura.

Muitos dos jovens vão para a cidade estudar e começam a conhecer o ambiente urbano. Ligado a este, existem muitas atrações para os jovens, como mais lazer e aquisição de sua própria renda fixa, em função de que no interior muitos dos jovens têm dependência financeira dos pais.

No entendimento de Savian (2011, p.20), a visão dos jovens em relação a cidade é que ela vista como um espaço que concentra maiores oportunidade de crescimento e lazer.

Como consequência disso, o resultado é uma população rural envelhecida, que com o passar dos anos também acaba migrando para a cidade, em função de não conseguir mais dar conta das tarefas agrícolas, por vários motivos, como idade, saúde, entre outros. A falta de sucessores dos pais é um fator que reflete diretamente no êxodo rural.

O conceito de Silva e Cereda é complementar ao resultado, eles resumem que “sem jovens é impossível conseguir sustentabilidade para as atividades, levando a um envelhecimento da população rural, que tem dificuldades em assumir as tarefas pesadas do campo” (2010, p.2).

4.2.12 Vantagens do campo

Neste contexto, busca-se identificar quais os principais fatores que os agricultores consideram como vantagens do campo.

Tabela 12 – Vantagens do campo

Fatores citados	Qtde. citações(*)
Alimentação	13
Tranquilidade	9
Liberdade de horário	6

Fonte: Dados primários, 2013.

(*) Soma superior à amostra porque questão permitia respostas múltiplas

Os entrevistados foram questionados quanto às vantagens de morar no campo, e o que mais foi comentado como fator principal, foi a alimentação, no que se refere à redução de custos, pois grande parte dos alimentos são produzidos na propriedade, e também no que se refere à saúde, pois como são cultivados pela própria família, são mais saudáveis. Assim relata o Entrevistado 10: “A gente sabe o que planta e o que come, a alimentação é natural”.

A tranquilidade também é citada nas vantagens, pois os agricultores destacam o sossego, a vida mais tranquila, menos estresse, fator esse que atinge grande parte da população urbana, em consequência das correrias. O Entrevistado 1 exemplifica bem sua opinião: “No interior a família vive bem, não tem tumulto, correria, é mais tranquilo pra criar os filhos”.

Outro aspecto vantajoso do campo é o horário flexível, onde os entrevistados dizem ter mais liberdade para sair e trabalhar o tempo que achar necessário.

4.2.13 Desvantagens do campo

Em questionamento com agricultores familiares que sustentam suas famílias com a renda das atividades rurais, busca-se identificar quais os fatores considerados como desvantagens da atual vida no campo.

Tabela 13 – Desvantagens do campo

Fatores citados	Qtde. citações ^(*)
Esforço físico	8
Agrotóxicos	1
Renda variável	1
Distância do comércio	1
Pouca informação (internet, celular)	1
Nenhuma desvantagem	6

Fonte: Dados primários, 2013.

^(*) Soma superior à amostra porque questão permitia respostas múltiplas

Pensando na saúde, os agricultores entrevistados acham o esforço físico uma das principais desvantagens do campo, relatam ter muito trabalho, por muitas vezes braçal, sempre expostos a chuva, muito sol, frio e calor.

Os agrotóxicos são um fator preocupante, também visto como uma desvantagem, que apesar do cuidado no manuseio, é totalmente prejudicial à saúde.

Os agricultores veem na renda um fator de incerteza, pois depende das condições climáticas para se obter um retorno financeiro. O Entrevistado 5 completa a ideia, em seu depoimento: “O retorno financeiro é variável, a gente nunca sabe quanto vai ganhar no final do mês”.

Outro aspecto citado como desvantagem do campo, foi a distância do comércio em geral, supermercados, farmácias, pois os entrevistados argumentam que, ao necessitar de algum produto ou remédio com urgência, sentem dificuldade de deslocamento. No caso de atendimento urgente na saúde, este também é um fator desfavorável do campo, pois muitas vezes a demora para chegar ao local certo pode custar a vida.

Muitas comunidades ainda não têm acesso à internet e celular. Os entrevistados citam esse fator como desfavorável, pois essa tecnologia, hoje, é indispensável para informação e comunicação.

Na mesma linha de pensamento, Garcia argumenta que: “A falta de algumas condições urbanas no meio rural, como internet e outras funcionalidades modernas, também representam para os jovens fatores motivadores para a saída do campo” (2012, p. 18).

Também se obteve seis opiniões de agricultores, que dizem não encontrar nenhuma desvantagem na zona rural, e estão satisfeitos com a situação atual.

Como conclusão do questionamento, percebe-se dos entrevistados que o fator que representa mais desvantagem é o esforço físico, juntamente com uma sobrecarga de trabalho.

4.2.14 Vantagens da cidade

Cabe a este questionamento analisar se os agricultores acham alguma vantagem na vida urbana, e classificá-las em quantidade de respostas, para, assim, ter conhecimento dos aspectos mais atrativos da vida na cidade.

Tabela 14 – Vantagens da cidade

Fatores citados	Qtde. citações(*)
Estudo	3
Serviço mais leve	3
Melhor acesso à saúde	2
Renda fixa	1
Finais de semana livre	10
Sem vantagens	

Fonte: Dados primários, 2013.

(*) Soma superior à amostra porque questão permitia respostas múltiplas

Na visão de dez entrevistados, a vida na cidade não tem vantagens, comparando com a vida que atualmente levam no campo. E dizem não pensar em trocar a vida na lavoura pela vida urbana.

Dos entrevistados que disseram haver vantagens na cidade, foi citada a questão do estudo para os filhos, mais facilidade de acesso, mais oportunidades para uma carreira profissional, como relata o Entrevistado 13: “Vantagem para os filhos poderem estudar, avançar na vida”. Esses dizem que o trabalho na lavoura é muito pesado, e não querem isso para seus filhos. Por isso, os incentivam a estudar e conseguir um trabalho na cidade, mais leve e melhor remunerado.

Esses dados confirmam o que afirma Silva e Cereda, quando argumentam que muitos pais, calejados pelo trabalho pesado ao longo da vida, sofridos pela falta de uma política agrícola que privilegie o pequeno agricultor, almejam para seus filhos melhores condições de vida e um futuro melhor. Isso inclui fatores como trabalho com menor esforço, melhores condições financeiras, e, principalmente, melhor educação. Em função dessas possibilidades, acabam “empurrando” os filhos para a cidade, na esperança de um futuro promissor para eles (2010, p. 18).

O acesso à saúde também foi citado por dois entrevistados, que responderam ser um fator vantajoso da cidade, pois o acesso é fácil e mais ágil.

No campo, os horários são mais flexíveis, porém com compromisso permanente em finais de semana e feriados. Sendo assim, os entrevistados citaram esse fator como vantagem da cidade, tendo mais liberdade e descanso em finais de semana e também feriados.

Apesar das várias vantagens citadas pelos entrevistados, o grupo maior é dos agricultores que acham não existir vantagens na vida urbana. Como é o caso do Entrevistado 7: “Sem vantagens, pois sem estudo eu não teria oportunidade na cidade”.

4.2.15 Desvantagens da cidade

Através desta questão busca-se mencionar quais as principais desvantagens da cidade, obtidas através da opinião dos agricultores familiares.

Tabela 15 – Desvantagens da cidade

Fatores citados	Qtde. citações(*)
Alimentação	12
Custo de vida mais alto	7
Ambiente mais agitado	5
Horário a cumprir	2

Fonte: Dados primários, 2013.

(*) Soma superior à amostra porque questão permitia respostas múltiplas

O fator mais citado entre as desvantagens da cidade, pelos entrevistados, foi a alimentação, em função de que tudo tem que ser comprado, e sem saber de que forma foi produzido. Eles responderam ter uma alimentação mais saudável no campo, sendo este um fator de grande importância.

Os agricultores percebem como uma desvantagem o custo de vida mais alto na cidade, além do custo a mais na alimentação, em função de ter que comprar tudo. Outros fatores como energia elétrica e água também são mais dispendiosos, na zona urbana.

A agitação do ambiente urbano não agrada os agricultores, pois estes dizem estar acostumados com a tranquilidade do campo. A questão do horário da cidade também não é de agrado deles, pois na lavoura não precisa cumprir horários, tendo, assim, mais liberdade para a vida em família.

Dentre os fatores citados como desvantagem, a maioria dos agricultores preocupa-se com a alimentação, em função de que na cidade não existe uma alimentação tão saudável quanto a do campo.

4.3 ANÁLISE DE AGRICULTORES QUE MIGRARAM PARA A CIDADE

4.3.1 Tipos de atividade que eram exercidas no interior

Com relação aos dados coletados em entrevista com as pessoas que saíram das atividades rurais para a vida urbana, constata-se que a maioria tinha como atividade principal a plantação de grãos, como soja, milho e trigo. No entanto, essa é a atividade que mais vem perdendo espaço, atualmente, segundo os agricultores que ainda residem na lavoura.

Segundo os entrevistados, a plantação de grãos não é mais viável para o pequeno agricultor em função do espaço. Em seguida, vem a produção de leite, atualmente a atividade mais explorada em virtude da viabilidade de produção e escoamento, renda garantida, menor interferência do clima e possibilidade de produção em uma área menor.

A criação de suínos também foi mencionada pelos entrevistados, ocupando a terceira atividade principal, sendo que em alguns dos casos, os ex agricultores dispunham de agroindústria voltada para a produção de derivados de suínos e para o consumo da família.

Também foi citado o cultivo de feijão, uva, gado de corte, hortifruti, sendo estas as atividades menos desenvolvidas pelos ex-agricultores.

Conclui-se que as atividades mais exercidas pelas ex-famílias rurais era a plantação de grãos, perdendo seus efeitos nos dias de hoje.

4.3.2 Razões da opção pela vida urbana

Quanto ao questionamento sobre os fatores que mais contribuíram para a migração dos agricultores, as respostas que se sobressaíram foram razões financeiras, conforme é demonstrado na tabela a seguir.

Tabela 16 – Fatores para opção pela vida urbana

Fatores citados	Qtde. citações(*)
Razões financeiras	14
Facilidade para estudar (próprios ou filhos)	6
Questões de saúde	4
Melhores condições de vida	3
Problemas climáticos	3
Falta de filhos para ajudar na lavoura	1
Netos morando na cidade	1

Fonte: Dados primários, 2013.

(*) Soma superior à amostra porque questão permitia respostas múltiplas

Na análise da tabela, são identificados dois agrupamentos de causas: o primeiro, as condições financeiras e suas causas; o segundo, questões associadas à qualidade de vida.

A questão financeira, que é a mais destacada, é bem resumida pelo Entrevistado 15: “Minha família tinha pouca área de terra, e no caso de um emprego na cidade, o salário mensal fixo gera uma estabilidade financeira”. De fato, a região em estudo é composta tipicamente por pequenas áreas agrícolas e o modo de exploração típico, fortemente constituído de monoculturas mais adequadas a áreas extensivas, gera este tipo de dificuldade.

Alves (2006, p. 8), complementa a ideia, argumentando que o fator que mais leva as famílias para as cidades é a renda; a baixa lucratividade dos trabalhos na lavoura, em relação à cidade, é o fator que comanda o êxodo rural.

Outro exemplo típico das dificuldades financeiras é relatado pelo Entrevistado 2: “Foram muitos financiamentos para continuar na lavoura, mas os juros eram caros, aumentou muito a dívida, e era feito um financiamento para pagar o outro, e assim até o carro e a casa foram vendidos para pagar as dívidas”.

O endividamento do produtor rural, por vezes, é resultante de baixo preço dos produtos, assim relatou o Entrevistado 13. Ou, talvez, de forma mais exata, se poderia dizer

que o problema seja a natural flutuação de preços das commodities agrícolas. Outro fator que leva ao endividamento são os problemas climáticos, como estiagens e temporais, lembrados por três entrevistados.

No que se refere à qualidade de vida, a preocupação com educação dos filhos e a saúde despontam como principais causas.

Uma boa síntese destas preocupações foi relatada pelo Entrevistado 17: “Me mudei para a cidade para os filhos terem oportunidade de estudo, porque no interior não tinha transporte para ir estudar; também por problemas de saúde devido ao esforço do trabalho pesado”. O Entrevistado 3 também comentou o difícil acesso aos estudos para os filhos.

No entendimento de Alves, Lopes e Contini, a decisão de migrar é tomada em um contexto familiar, pesam a renda esperada por todos os membros da família, a infra-estrutura que a cidade oferece, e o acesso a programas de saúde e educação (2006, p.44).

Resumidamente, então, se pode concluir que as principais causas citadas pelos entrevistados foram as questões de viabilidade financeira da pequena propriedade e a busca de melhor qualidade de vida na cidade.

4.3.3 Atividades executadas, atualmente, na cidade

Ao questionar os agricultores que saíram do campo para a cidade, em relação ao tipo de atividade que desenvolvem atualmente, a tabela abaixo demonstra que a maioria continua realizando atividades agrícolas, porém executadas de outras formas.

Tabela 17 – Atividades executadas atualmente na cidade

Fatores citados	Qtde. citações(*)
Atividades relacionadas à agricultura	8
Funcionários de cooperativas	4
Comerciantes	4
Funcionários de empresas em geral	3
Pedreiro	2

Fonte: Dados primários, 2013.

(*) Soma superior à amostra porque questão permitia respostas múltiplas

Em relação aos dados obtidos, percebe-se que os agricultores, atualmente morando na cidade, ainda estão desenvolvendo atividades ligadas à agricultura. A maioria dos entrevistados respondeu gostar das atividades rurais, por isso acharam um meio de desenvolvê-la de outras formas, obtendo mais lucro.

As atividades que mais os ex-agricultores estão exercendo, são as atividades agropecuárias, nas funções de proprietário, funcionário e até mesmo como técnico em agropecuária. Também foram destacados empregos em cooperativas nas mais variadas funções, todas ligadas à agricultura familiar.

Em terceiro lugar, percebe-se que algumas das famílias que migraram decidiram mudar de ramo, trabalhando, então, como comerciantes, em áreas como as de supermercados, revenda de automóveis, madeireiras. Outros migraram para a cidade sem condições financeiras de abrir o próprio negócio. Por isso ganham o seu salário trabalhando como funcionários de empresas diversas. As funções mais citadas foram as de motorista e funcionário público.

A função de servente de pedreiro também foi destacada como atividade desenvolvida atualmente. Os entrevistados responderam que, em função de não terem estudo, quando migraram para a cidade não encontraram outra alternativa a não ser o trabalho pesado, pois foi difícil encontrar outra profissão para o sustento da família.

A partir daí, conclui-se que, quando as pessoas saem do campo, elas procuram na cidade atividades relacionadas à agricultura, pois a maioria sempre morou no interior e não tem experiência em outros trabalhos. Os entrevistados foram homens de uma faixa etária acima de trinta anos, sendo a maioria com pouca escolaridade, e, em função disso, procuram atividades que já conhecem, podendo desempenhá-las mais facilmente.

4.3.4 Satisfação/motivação quanto ao trabalho que realiza atualmente

Nesta etapa de pós-migração dos entrevistados, é possível saber o nível de satisfação no que se trata do trabalho realizado, atualmente, para o sustento das famílias.

Tabela 18 – Nível de satisfação quanto ao trabalho realizado atualmente

Fatores citados	Qtde. citações(*)
Satisfeito/motivado	19
Insatisfeito/desmotivado	1

Fonte: Dados primários, 2013.

Ao analisar as respostas obtidas das pessoas entrevistadas, percebe-se que a mudança foi totalmente positiva, pois estas dizem estar totalmente satisfeitas e motivadas com as condições atuais. Apenas um entrevistado respondeu estar insatisfeito, pois optou pela vida urbana, mas continua cuidando das lavouras na antiga propriedade, e não está mais contente com o trabalho, como diz em seu relato: “Estou tentando encontrar outro trabalho que não seja na lavoura”.

O Entrevistado 8 menciona: “estou satisfeito, pois continuo trabalhando com produtos agrícolas”. Tem a mesma opinião o Entrevistado 10, que relata: “Estou motivado, pois ainda trabalho diretamente com agricultores”. Assim, entende-se que os entrevistados que saíram do campo para a cidade, e continuam no mesmo ramo, estão totalmente satisfeitos, pois estão trabalhando no que eles sabem fazer.

Quanto ao questionamento, 17 dos 20 entrevistados responderam que não voltariam mais para o campo, pois a vida na cidade mudou para melhor, como comenta o Entrevistado 5: “Estou motivado e satisfeito, gosto do que faço”.

Os dados demonstram que quase em sua totalidade os entrevistados dizem estar motivados e satisfeitos com a vida urbana. Levando em consideração o entrevistado insatisfeito com a mudança, citado no primeiro parágrafo, concluiu-se que a vida na cidade é mais satisfatória em 100% dos casos.

4.3.5 Satisfação/motivação quanto à remuneração atual

Nesta questão procura-se identificar qual é o nível de satisfação quanto à remuneração atual, fazendo uma comparação com o ganho que o entrevistado tinha quando agricultor.

Tabela 19 – Nível de satisfação quanto à remuneração atual

Fatores citados	Qtde. citações(*)
Satisfeito	15
Regular	4
Insatisfeito	1

Fonte: Dados primários, 2013.

No que se refere à remuneração, 15 dos 20 entrevistados responderam estar satisfeitos, que a renda aumentou no ramo que estão atuando; também demonstram motivação para continuar no mesmo ramo, como menciona o Entrevistado 4: “O atual trabalho está viabilizando”, e complementando a ideia, destaca-se o depoimento do Entrevistado 8, que atualmente é dono de um mini mercado: “Estou satisfeito, e sempre procurando ampliar a empresa”.

Nesta mesma questão, quatro entrevistados responderam que a renda atual é regular; não estão insatisfeitos, mas relatam que a renda poderia ser melhor. Algumas famílias, ao chegarem à cidade, encontram dificuldades para arrumar emprego. Geralmente, as pessoas que sempre moraram no interior têm pouca escolaridade, e este é um fator que dificulta na hora de conseguir um trabalho. Outro fator também é a questão de idade, pois sete dos vinte entrevistados têm mais de cinquenta anos, o que é uma faixa etária difícil para conseguir um emprego fixo.

O Entrevistado 20 avalia sua renda como regular, porém, diz ser melhor do que a do campo, como destaca em seu relato: “A renda é regular, porém, melhor que a do interior”. E, diante disso, argumenta que não gostaria de voltar às atividades da agricultura.

Somente um dos entrevistados respondeu estar insatisfeito, porém, neste caso sua renda continua sendo a da lavoura. Atualmente, ele mora na cidade, mas continua trabalhando nas terras da família, pois diz ter encontrado dificuldades em arrumar um emprego na cidade, mas que vai continuar procurando, pois não está contente com sua renda para o sustento da família.

Em um contexto geral, através dos depoimentos dos entrevistados, percebe-se que a migração destas pessoas foi positiva e está gerando bons resultados.

4.3.6 Satisfação/motivação quanto às perspectivas futuras

Esta etapa tem como objetivo analisar quanto às perspectivas futuras dos entrevistados que migraram para a cidade, se estão satisfeitos, se vão continuar na cidade, ou se pretendem voltar para as atividades agrícolas.

Percebe-se no questionamento que 100% dos entrevistados pensam em permanecer na cidade, apesar de alguns terem citado a renda da cidade como regular, ainda assim acham melhor que a do interior, e não pensam em voltar.

Ao analisar as respostas obtidas, o que mais foi citado como motivo para permanência na cidade foi a viabilização da atividade, onde 17 dos 20 entrevistados responderam que a atividade atual está gerando uma renda maior, e todos pretendem continuar no mesmo ramo, sempre tentando se aperfeiçoar e, no caso de comerciantes, com perspectivas futuras de ampliação da empresa.

Nove dos 20 entrevistados têm uma idade de trinta a quarenta anos. Nesta faixa etária, os motivos mais citados de permanência na cidade foram as chances de crescimento profissional. Eles argumentam que na cidade as possibilidades de estudo e de crescimento são maiores que as do campo, como ressalta o Entrevistado 9: “Na cidade, tenho ótimas chances de crescimento profissional”. Isso motiva as pessoas, pois quanto mais crescimento, maior a renda.

Também cabe, aqui, destacar o depoimento do Entrevistado 5: “Muito satisfeito com a vida urbana. Pensando no futuro, pretendo permanecer na cidade, pois tenho orgulho do que realizo atualmente. Entretanto, procuro cada vez mais crescer profissionalmente para servir de suporte para agricultores, os quais são a razão da minha profissão”.

Diante dessas respostas, verificou-se que, com a migração, a vida dos entrevistados teve uma mudança positiva, principalmente nos fatores mais citados, como renda e crescimento profissional, o que define a permanência na cidade.

4.3.7 Avaliação financeira e pessoal – negativa/positiva

Em avaliação quanto à satisfação pessoal e financeira encontrada na cidade, 17 dos 20 entrevistados responderam estar satisfeitos pessoal e financeiramente, ou seja, caracterizam a mudança de vida como um fator positivo.

Dentre os comentários feitos pelos entrevistados, percebe-se que a satisfação deles procede em maior quantidade quanto à estabilidade econômica e renda fixa; para os comerciantes, uma maior lucratividade, maiores opções de ganho. Como exemplo, cita-se o comentário do Entrevistado 9: “A mudança foi positiva, porque com a renda mensal fixa que eu e minha esposa recebemos, conseguimos comprar nossa casa e nosso automóvel. Na lavoura, tudo era mais difícil, devido aos altos custos de implantação da lavoura e a baixa lucratividade, pois não tínhamos muitas áreas de terra”.

Quanto à satisfação pessoal, o acesso à saúde e à educação foi o mais comentado. Os entrevistados apontaram estar mais perto dos recursos de saúde, quando necessário. Buscando o acesso aos estudos para os filhos, muitas famílias saíram do campo para a cidade, tendo em vista a facilidade de transporte para escolas, universidades.

Das 20 pessoas entrevistadas, três responderam estar descontentes, pessoalmente, pelo fato de não terem se adaptado à vida urbana, pois gostavam das atividades rurais e ressaltaram que a qualidade de vida no campo era melhor.

De acordo com as respostas obtidas neste questionamento, percebe-se que a maior parte dos entrevistados está satisfeita com a mudança. Sendo assim, podemos afirmar que, neste caso, o desenvolvimento do Município está suprimindo a demanda de emprego e renda aos ex-agricultores.

4.3.8 Vantagens do campo

O objetivo desta etapa é questionar as pessoas que saíram do campo para a cidade, sobre as principais vantagens que eles destacam para o campo.

Tabela 20 – Vantagens do campo

Fatores citados	Qtde. citações(*)
Alimentação saudável	11
Tranquilidade/sossego	8
Flexibilidade de horários	6
Convívio social	3
Contato com a natureza	1

Fonte: Dados primários, 2013

(*) Soma superior à amostra porque questão permitia respostas múltiplas

As pessoas que atualmente residem na cidade ressaltaram como principal vantagem no campo a alimentação saudável, a qual pode ser produzida na propriedade, com menor custo e de forma orgânica. Como exemplo, citamos o comentário do Entrevistado 9: “No campo, quase tudo o que se quer de alimento pode ser cultivado de forma orgânica, sendo assim mais saudável”.

Os entrevistados também apontaram a tranquilidade e o sossego como uma das principais vantagens do campo, relacionando também a questão de horários mais flexíveis para realização das tarefas. Como relata o Entrevistado 6: “No campo, a gente tem menos compromisso, menos cobrança, menos correria; a vida é mais pobre, porém mais sossegada”. Complementando a ideia do Entrevistado 6, citamos a colocação do Entrevistado 4: “No campo tem mais liberdade, não tem horário para cumprir”.

Outra vantagem citada pelos entrevistados foi o convívio social. Eles responderam que quando moravam no campo tinham um contato mais amigável com as pessoas, se visitavam mais entre vizinhos, e na cidade as pessoas tem mais correria, vivem em função do horário para cumprir, e não sobra tempo de se relacionar com outras pessoas.

O contato com a natureza também foi ressaltado como uma vantagem, sendo um fator de grande importância. Na cidade, poucos têm o privilégio de ter contato ou ver a natureza, pois a zona urbana está aumentando sua população cada vez mais, tendo pouco espaço para a natureza.

De fato, o campo é mais rico em alimentação, sendo o fator mais ressaltado entre os ex-agricultores como vantagens. Porém, a vida na cidade compete em outros fatores, satisfazendo as pessoas que migram do campo para a cidade, em outros aspectos.

4.3.9 Desvantagens do campo

Nesta etapa, busca-se identificar, através das experiências dos ex-agricultores, quais os principais fatores considerados como desvantajosos para a vida no campo.

Tabela 21 – Desvantagens do campo

Fatores citados	Qtde. citações(*)
Inviabilidade financeira	9
Condições climáticas	6
Acesso à saúde	5
Acesso à educação	3
Acesso aos meios de comunicação	3

Fonte: Dados primários, 2013

(*) Soma superior à amostra porque questão permitia respostas múltiplas

Os entrevistados fazem uma análise das desvantagens que encontraram na agricultura, sendo que a desvantagem mais comentada foi a dificuldade com a renda; apontaram que com as atividades que desenvolviam na propriedade, tinham pouca lucratividade, tornando difícil o sustento da família. O Entrevistado 2 responde ter dificuldades na plantação, em função dos custos elevados. Ele menciona: “Em relação à parte financeira, estava sempre com prejuízo ou empatando com os custos”.

O segundo fator destacado como desvantagem, foi as condições climáticas, pois a produção depende muito desse fator para gerar renda, e, também, para suprir os custos gastos com a plantação. Como o clima está, muitas vezes, desregulado, acaba destruindo a plantação e, como consequência, deixa as famílias em situações delicadas por falta de renda e dívidas.

O acesso à saúde também foi responsável por expulsar as pessoas do campo, principalmente nas respostas dos entrevistados com mais de 50 anos. Estes, por vezes, sentiram dificuldades na busca pelo atendimento, ou até mesmo na busca da saúde preventiva. O acesso à educação e aos meios de comunicação também foram citados como fatores que influenciaram na evasão rural, buscando na cidade uma maior diversidade de opções para o futuro próprio e dos filhos.

Na visão de Alves (2006, p. 16), há uma grande necessidade de investimentos na educação no campo e também em treinamentos para jovens rurais, para que o rural possa competir com a cidade. Também é de grande necessidade um investimento na infraestrutura

que liga os campos das cidades em muitas comunidades rurais, para facilitar o acesso à educação e saúde, entre outros.

O principal fator citado como desvantagem foi a inviabilidade financeira da vida na agricultura, fator que dificulta a obtenção de lucro e estabilidade. Em caso de quebra de produção em uma safra, gera a necessidade de lucro dobrado para a safra seguinte, para quitar as dívidas passadas.

4.3.10 Vantagens da cidade

Através do questionamento, busca-se escalar em níveis de satisfação, os fatores que os entrevistados respondem como vantagens da cidade, em relação à vida no campo e suas vantagens.

Tabela 22 – Vantagens da cidade

Fatores citados	Qtde. citações(*)
Remuneração fixa	12
Educação	6
Mais próximo do comércio em geral	6
Saúde	3
Meios de comunicação	3

Fonte: Dados primários, 2013.

(*) Soma superior à amostra porque questão permitia respostas múltiplas

Entre os fatores citados como vantagens na cidade, o que mais se destacou foi a remuneração fixa. Os entrevistados destacaram que na cidade trabalham durante o mês e, no final, têm o retorno, independente do clima. Por outro lado, na lavoura, muitas vezes, é feito um grande esforço e trabalho no plantio das lavouras, mas que na hora da colheita, dependendo das condições climáticas, o retorno, muitas vezes, não existe ou é baixo.

Como exemplo, citamos o depoimento do Entrevistado 19: “Na cidade, eu tenho mais lucro e não dependo do clima para ter minha remuneração”.

Pensando na educação dos filhos, muitos pais migraram para a cidade, para mais perto das universidades, das escolas, de cursos, assim gerando maiores possibilidades de

crescimento profissional. Também foi comentado com vantagem o acesso ao comércio em geral. Os entrevistados disseram que é de grande relevância morar perto de tudo que a família necessita, como por exemplo, farmácias e supermercados.

O acesso mais fácil e mais rápido à saúde é de fundamental importância na visão e nas experiências dos entrevistados, porque gera mais segurança e tranquilidade, principalmente nas pessoas que já têm algumas complicações de saúde. Os meios de comunicação, como celular, internet, jornal, são considerados vantagens da vida urbana.

Em uma breve análise, conclui-se que a maior lucratividade das atividades urbanas e a renda mensal garantida são os principais fatores que não deixa as pessoas entrevistadas pensar em voltar para as atividades rurais. Eles dizem ser mais satisfatória a vida na cidade, em relação à parte financeira.

4.3.11 Desvantagens da cidade

Em comparação com a vida no campo e a atual vida na cidade, os entrevistados são questionados quanto aos fatores desfavoráveis encontrados na cidade.

Tabela 23 – Desvantagens da cidade

Fatores citados	Qtde. citações(*)
Vida mais agitada	9
Custo de vida mais alto	7
Horário a cumprir	3
Individualismo	3

Fonte: Dados primários, 2013.

(*) Soma superior à amostra porque questão permitia respostas múltiplas

Na concepção dos entrevistados, a vida urbana é mais agitada, fator mais citado como uma desvantagem em relação à vida no campo. As pessoas que migram da agricultura têm dificuldades de se acostumar com barulhos noturnos, carros funcionando a todo o momento, festas com música alta. Também mencionaram a correria do dia a dia, pra tudo se tem horário marcado, e a solução é correr para conseguir fazer todas as tarefas no tempo estipulado.

O Entrevistado 3 define como desvantagem da cidade: “Vida mais agitada, mais cobrança, mais estresse”.

Na cidade, o custo de vida foi avaliado como mais alto em relação ao campo, citado como uma desvantagem, principalmente quando se fala em alimentação. No campo, boa parte dos alimentos é produzida na propriedade, sendo que na cidade tudo isso tem que ser comprado, e por muitas vezes não sendo saudável. Esta questão é bem resumida pelo Entrevistado 19: “Na cidade dependemos de comprar toda a alimentação, e não sendo tão saudável como a do interior”.

Fazendo uma análise sobre a vida social das pessoas na cidade, o que de fato é visto como desvantagem é o individualismo das pessoas. Os entrevistados responderam que muitos vizinhos são desconhecidos, e que não há tanta convivência e sintonia entre as pessoas como no campo. Isso é relatado brevemente pelo Entrevistado 14: “Cada família vive para si”.

Nota-se que o principal descontentamento das famílias que falaram sobre a vida urbana, é a agitação do dia a dia. As famílias dispõem de pouco tempo para se reunir, em função de horários para cumprir, e também sentem bastante falta da alimentação saudável do campo, e ainda precisam comprar tudo.

4.4 SUGESTÕES E RECOMENDAÇÕES

Analisando as respostas obtidas através de entrevista de agricultores que ainda residem no campo, percebe-se que o quadro da agricultura evoluiu bastante, em função das linhas de crédito oferecidas que estão ajudando a manter a agricultura familiar. Em relação aos trabalhos realizados, os agricultores dizem ter facilidade em razão dos conhecimentos que os mesmos têm na lavoura, e quando questionados por quais razões eles continuam no campo, responderam que é por costume, por gosto, porque é uma vida mais tranquila e também ressaltam a alimentação como uma vantagem da vida na agricultura.

Sobre os resultados financeiros, 50% dos agricultores estão satisfeitos e 50% dizem estar insatisfeitos, pois os preços dos insumos e produtos usados na lavoura estão muito altos e, muitas vezes, o clima estraga a colheita, gerando uma pequena margem de lucro para o sustento da família.

Em relação à tecnologia no campo, o assunto dividiu as opiniões. Parte dos agricultores respondeu que está satisfeita com a tecnologia; e a outra parte classificou-a como

negativa, pois são pequenos agricultores sem poder aquisitivo para aderir às máquinas, ficando em uma situação desvantajosa em relação àqueles com mais poder aquisitivo.

O principal fator que preocupa os agricultores é a permanência de seus filhos na lavoura, pois de 20 pais entrevistados somente quatro responderam que os filhos pretendem continuar ali, sendo todos filhos homens. Os pais argumentam que pretendem continuar no campo até aguentarem os trabalhos, pois quando estiverem com uma idade mais avançada não sabem se terão condições de seguir com a rotina de trabalhos pesados da agricultura, e a mão de obra está escassa.

Em entrevista com pessoas que saíram do interior para a cidade, percebe-se que o fator mais citado como causador da decisão foi as razões financeiras. Em seguida, o estudo para os filhos, e mais fácil acesso à saúde. Estão totalmente satisfeitos com o trabalho realizado atualmente e também com a renda, pois argumentam que ela é fixa. Dos 20 entrevistados, 17 responderam estar satisfeitos financeira e pessoalmente, e dizem não voltar mais para a agricultura.

Somente três entrevistados responderam que não se adaptaram à vida urbana, ressaltaram que a qualidade de vida, a alimentação e a tranquilidade do campo é melhor. Como contraponto, destacam a inviabilidade financeira e as condições climáticas como fatores desmotivadores de permanência no campo.

Sugestões para agricultores que continuam no campo:

- a) Procurar incentivo para a agricultura, junto aos órgãos competentes, como Emater, Secretaria da Agricultura, cooperativas e sindicatos. Buscar nessas entidades orientações em relação ao preço dos insumos e produtos agrícolas, para que a plantação se torne mais barata, gerando mais lucro para o sustento da família e, conseqüentemente, diminuindo o fluxo de migração de pessoas para a cidade em busca de uma melhor renda.
- b) Exigir dos governantes, através das entidades de classe, uma política de preços dos produtos e maquinários diferenciados para pequenos e grandes proprietários de terra.
- c) Procurar apoio do Governo Federal e Estadual, para que eles incentivem as indústrias de máquinas agrícolas para a fabricação de equipamentos de menor porte, mais adequados à pequena propriedade. Pois a tendência atual é de máquinas cada vez maiores (e mais caras), obviamente tornando inviável a produção da agricultura familiar.

- d) Buscar alternativas para diversificar a propriedade, como: fruticultura, produção leiteira, e hortigranjeiros, pois essas alternativas proporcionam maior rendimento por área de terra, visto que a agricultura da região é formada quase que na totalidade de pequenos agricultores, onde a média é de 12, 5 hectares por família, inviabilizando o sustento da família apenas com a produção de grãos;
- e) Estudar a viabilidade de produção orgânica, devido ao processo de produção, que é de baixo custo, sendo que os insumos podem ser quase todos produzidos na propriedade.
- f) Trocar experiências que estão dando certo com outros agricultores de outros municípios ou estados.
- g) Promover a criação de associações de produtores nas comunidades, a fim de compensar a falta de mão de obra, onde cada família pode ajudar e ser ajudada nas tarefas da propriedade.
- h) Exigir dos governos que a agricultura familiar seja tratada com mais ênfase nas escolas do interior, através de matérias específicas, que possam atrair o jovem a permanecer no meio rural; facilitar o acesso à universidade, a fim de que os jovens consigam estudar e permanecer no campo, pois em função do difícil acesso, eles acabam migrando para a cidade, com o objetivo de estudar e não voltam mais para a agricultura. Na maioria das vezes, são atraídos por um emprego que gera renda mensal fixa, e, também, pelas oportunidades de lazer que a cidade oferece.
- i) Buscar participar dos programas governamentais, tais como: merenda escolar, fome zero, PAA (Programa de Aquisição Antecipada), entre outros.
- j) Procurar a implantação de programas que criem fatores atrativos no campo, para manter o jovem na lavoura, dando continuidade às tarefas dos pais. Desse modo, ele não procura os fatores de atração na cidade, tais como, lazer, renda própria, grupos de integração com maiores relações sociais, oportunidades de crescimento, acesso à internet e celular, pois em muitas famílias, o jovem ainda não tem acesso a tudo isso.
- k) Procurar incentivo para implantação de programas que valorize a mulher jovem no campo, como por exemplo, grupos de aprendizagem de corte e costura, corte de cabelo, bordado, artesanato, entre outros. Um profissional de cada área pode se deslocar até as comunidades para realizar os cursos. Assim, a jovem poderá fazer outros trabalhos que não as tarefas domésticas, terá sua própria renda, colocando em prática o aprendizados do Curso, e se sentirá mais valorizada.

Sugestões para agricultores que saíram do campo para a cidade:

- a) Incentivar e apoiar a permanência dos agricultores no campo, através de suas experiências, tomar a frente de projetos que beneficiem as famílias na lavoura, como: Palestras sobre a qualidade de vida no campo, a importância de uma alimentação saudável e a diversificação da propriedade.
- b) Incentivar a comercialização dos produtos da agricultura familiar nos mercados.
- c) Adquirir produtos diretamente das agroindústrias familiares, incentivando o seu desenvolvimento.
- d) Manter relações de companheirismo e amizade com aqueles que ficaram no campo.
- e) Incentivar seus filhos de que ser agricultor é gratificante, para que talvez eles possam retornar à agricultura, futuramente;
- f) Ser incentivadores e disseminadores das boas relações sociais entre as classes do campo e da cidade.
- g) Contribuir nas lutas dos direitos dos agricultores.

Sugestões de iniciativas para o poder público, em relação a agricultores que ainda residem no campo:

- a) É de fundamental importância criar iniciativas para a permanência dos jovens na agricultura. Uma delas seria implantar cursos sobre assuntos voltados à agricultura familiar, destacando a importância da sucessão de seus pais.
- b) Incentivar os jovens à prática do esporte, criar iniciativas de acesso à cultura e ao lazer no campo, como, por exemplo, promover eventos esportivos e culturais no meio rural.
- c) Criação de pequenos postos de saúde nas comunidades rurais mais distantes das cidades, para atender à população rural em caso de problemas de saúde e emergências.
- d) Investir no fim do analfabetismo rural, implantando estudo de qualidade nas comunidades rurais que ainda não dispõem de acesso à educação.
- e) Criar estruturas para que os agricultores possam vender seus produtos diretamente ao consumidor, sem ter que passar de casa em casa e assim gerando mais despesa. Criação de estruturas como: feiras, tendas em locais adequados, salas comerciais próprias para esse tipo de comércio. Isso tudo gera uma renda a mais, motivando o agricultor a permanecer no campo.

Sugestões de iniciativas para o poder público, em relação a agricultores que saíram do campo para a cidade:

- a) Criar programas de incentivo para que as pessoas que migram do interior continuem desempenhando tarefas voltadas à agricultura, como por exemplo, as agroindústrias.
- b) Investir na instalação de estufas de verduras e frutas e viveiros de mudas de plantas frutíferas, para geração de emprego e renda para as pessoas que saem do interior à procura de uma melhor remuneração. Nesse formato, haverá incentivo aos trabalhos agrícolas, garantindo uma alimentação saudável para a população urbana.
- c) Criar programas para jovens que migram do interior para a cidade, programas como jovem aprendiz, ou seja, estágios em Cooperativas, agropecuárias, comércio de produtos agrícolas, para que assim os jovens continuem incentivando à agricultura local e não se desfazendo de suas origens.
- d) Criar políticas de auxílio financeiro em cursos superiores voltadas à agricultura, e, também, auxílio no transporte para jovens carentes poderem se aperfeiçoar e usar seu aprendizado na agricultura local, auxiliando famílias que ainda permanecem no campo.

Ao longo do trabalho, percebe-se a importância que a agricultura familiar possui, em vários ângulos. Porém, a migração de muitos grupos de pessoas para as cidades está gerando desgaste para o campo, pois a população rural está em menor quantidade que a urbana. A partir da análise das respostas dos agricultores que ainda moram no campo, e dos que migraram para a cidade, tem-se conclusões sobre os fatores mais influenciáveis na decisão das pessoas de optar pelo ambiente urbano, e quais os fatores geradores de insatisfação no campo.

A partir dessas variáveis, este capítulo disponibiliza sugestões e recomendações para agricultores que ainda ganham a vida com atividades agrícolas e para as que desistiram da vida no campo e hoje moram na cidade. Também há sugestões ao poder público, para incentivar a permanência das pessoas no campo, e também sugestões para acolher as pessoas do interior que migram para a cidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A agricultura familiar vem sofrendo alterações em função do êxodo rural, pois muitas famílias estão abandonando suas comunidades rurais e migram para as cidades, em busca de uma vida melhor.

A pesquisa objetivou identificar as percepções de agricultores e ex-agricultores de Constantina – RS, sobre as causas do êxodo rural. O levantamento de dados foi feito através de entrevistas com 20 agricultores que ainda permanecem no campo e 20 agricultores que migraram para a cidade.

Para tanto, quanto aos objetivos, se desenvolveu uma pesquisa exploratória e descritiva; quanto à abordagem é do tipo mista (quanti-quali); e quanto ao procedimento técnico, trata-se de um estudo tipo levantamento.

A presente pesquisa mostrou que os agricultores que ainda permanecem no campo são filhos de agricultores rurais, e estão dando continuidade aos trabalhos dos pais. Os entrevistados responderam que a agricultura evoluiu nos últimos tempos, em função da linha de financiamentos disponível no mercado. Os fatores que mais fazem os agricultores repensar a vida no campo são os resultados financeiros, a tecnologia que está sendo implantada e, principalmente, a permanência dos filhos na lavoura, pois os pais dizem que estão sozinhos e não sabem até quando irão suportar.

Em relação às pessoas que migraram para a cidade, identificou-se que as principais causas da migração foram as razões financeiras, o acesso ao estudo para os filhos e o acesso à saúde. Mas eles estão satisfeitos com as condições atuais e dizem não pensar em voltar para as atividades rurais.

As principais sugestões feitas aos agricultores que permanecem no campo, em resumo, foram: o pedido de incentivo à agricultura, junto aos órgãos competentes, a implantação de programas com fatores atrativos para jovens no campo, a implantação de programas com cursos que valorize a jovem mulher agricultora, e procurar incentivo para o acesso à educação.

As sugestões feitas às pessoas que saíram do campo para a cidade foi de incentivo à permanência dos agricultores no campo, dialogando com estes, tomando a frente de projetos que beneficie a lavoura, mantendo boas relações sociais com as famílias do campo, e contribuindo nos movimentos pelos direitos dos agricultores familiares.

Em seguida, foram feitas sugestões de iniciativas ao poder público, para que este possa incentivar a agricultura familiar local, criando benefícios que valorizem o homem do campo e que motive a sua permanência na agricultura. Também foram feitas sugestões ao poder público, para as pessoas que migraram do campo para a cidade, no sentido que elas continuem desenvolvendo atividades rurais; e para os jovens, deve-se criar incentivos de estudo, de estágio em programas como o jovem aprendiz, para que eles possam se aperfeiçoar em estudos voltados para a agricultura, e, assim, auxiliar as famílias que continuam no campo.

Este estudo poder servir de estímulo a outra pesquisa, com foco mais centralizado na juventude rural, pois os jovens migram para as cidades em grande escala, em busca de estudo e melhores condições de vida, muitas vezes atraídos pelo lazer que a cidade oferece. As cidades estão lotadas de mão de obra, enquanto na lavoura faltam pessoas para dar continuidade à agricultura familiar. Esse é um fator que merece atenção e estudo, pois a ausência dos jovens na agricultura coloca em risco a existência dos estabelecimentos rurais.

REFERÊNCIAS

ALVES, Eliseu. **Migração rural-urbana, agricultura familiar e novas tecnologias.** *In: Embrapa informação tecnológica.* Brasília, DF, 2006, p. 7-176. Disponível em: <http://portaledit.sct.embrapa.br/publicacoes/institucionais/titulos-avulsos/migracaorural-urbana.pdf>, Acesso em: 22 out 2013.

ALVES Eliseu; ROCHA, Daniela de Paula. **Ganhar tempo é possível?** 2010. Disponível em: http://ciflorestas.com.br/arquivos/doc_ganhar_possivel_13249.pdf, Acesso em: 22 out 2013.

ALVES, Eliseu; LOPES, Mauro Rezende; CONTINI, Elisio. **O empobrecimento da agricultura brasileira.** *In: ALVES, Eliseu (editor). Migração rural urbana, agricultura familiar e novas tecnologias. In: Embrapa Informação Tecnológica.* Brasília, DF : 2006, p. 7-176. Disponível em: <http://portaledit.sct.embrapa.br/publicacoes/institucionais/titulos-avulsos/migracaorural-urbana.pdf>. Acesso em: 20 out 2013.

ALVES, Júlia Falivene. **Metrópoles, cidadania e qualidade de vida.** 1 ed. São Paulo: Moderna, 1992.

ANDRADE, Francisco Alcicley Vasconcelos; SOUZA, Paulo Augusto Ramalho. **Empreendedorismo e desenvolvimento local:** Um estudo da agricultura familiar na Gleba de Vila Amazônia, no município de Parintins, Estado de Amazonas- Brasil. *In: Revista Desarrollo local Sostenible.* Parintins, Vol. 6, n 16, fev 2013. Disponível em: <http://delos.eumed.net/16/agricultura-familiar-gleba-vila-amazonia.pdf>, Acesso em: 25 mai 2013.

ANDRIOLI, Antônio Inácio. **Soja orgânica versus soja transgênica:** um estudo sobre tecnologia e agricultura familiar na região Fronteira Noroeste do estado do Rio Grande do Sul. *In: Contexto & Educação,* Ijuí, ano 23, n. 80, jul/dez 2008, p. 195-222. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/1047/798>. Acesso em: 05 out. 2013.

ARAÚJO, Quintino Reis. **Solos de tabuleiros costeiros e qualidade de vida das populações.** Santa Cruz: Editus, 2000.

BLUM, Rubens. Agricultura Familiar: estudo preliminar da definição, classificação e problemática. *In: TEDESCO, João Carlos. Agricultura Familiar: realidade e perspectivas.* Passo Fundo: Universitária, 2001.

CARNEIRO, Maria José; CASTRO, Elisa Guaraná. **Juventude rural em perspectiva.** *In: BRUMER, Anita. A problemática dos jovens rurais na pós modernidade.* Rio de Janeiro: Mauad x, 2007. Disponível em:

http://books.google.com.br/books?id=xfwoyC1qTN8C&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbg_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false, Acesso em: 06 out 2013.

BRUMER, Anita. **Gênero e agricultura**: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul. *In: Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, Janeiro/Abril 2004, p. 205 - 227. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v12n1/21699.pdf>. Acesso em: 06 nov 2013.

CECCONELLO, Rene. A agricultura familiar no contexto da região da produção. *In: CONTI, Irio Luiz; PIES, Marcelino; CECONELLO, Rene. Agricultura Familiar: caminhos e transições*. Passo Fundo: IFIBE, 2006.

DIEHL, Antonio Astor; TATIM, Denise Carvalho. **Pesquisa em ciências sociais aplicadas: métodos e técnicas**. 1 ed. São Paulo: Pearson, 2004.

GARCIA, Antonio Corrêa. **A biotecnologia e a extensão rural como ferramentas de transformação da realidade rural em Alpestre - RS**. Florianópolis, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/104454>. Acesso em: 06 out 2013.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

GUANZIROLI, Carlos Enrique; BUAINAIN, Antonio Marcio; SABBATO, Alberto Di. **Dez anos de evolução da agricultura familiar no Brasil**. *In: Revista de Economia e Sociologia Rural*. Brasília, vol 50, n. 2. 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-20032012000200009&script=sci_arttext, Acesso em: 25 mai 2012.

MARTIGNON, Luciano. **Lazer no assentamento rural oito de junho**: Análise a partir da multifuncionalidade da agricultura. Pato Branco, 2013. Disponível em: http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/480/1/PB_PPGDR_M_Martignoni%2c%20Luciano_2013.pdf Acesso em: 05 Nov 2013.

MIYASAKA, Shiro; NAKAMURA, Yukio; OKAMOTO, Hiroto. **Agricultura Natural**. 2 ed. Cuiabá: Única, 1997.

NAGAOKA, Marilda da Penha Teixeira. *et al.* **Gestão de propriedades rurais**: processo estruturado de revisão de literatura e análise sistêmica. *In: R. Bras. Agrociência*. Pelotas, vol 17, out/dez 2011, p. 410-419. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/CAST/article/view/2076/1914>, Acesso em: 23 mai 2013.

VIEIRA NETO, José; FERREIRA, Leginalva Aparecida Borges. **A migração campo – cidade na comunidade rural Ribeirão Tambiocó – GO**. *In: Espaço em revista*. Ribeirão Tambiocó, vol 14, n. 2, Jul/Dez 2012, p. 23 - 44. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/espaco/article/view/19380/12859>, Acesso em: 24 mai 2013.

OLIVEIRA, Silvio Luiz. **Tratado de metodologia científica**. 2 ed. São Paulo: Pioneira, 2002.

PIAZZA, Michelli Candorin. **O meio rural de um município em tendência de urbanização: o caso de Meleiro- Sc.Criciúma**, 2012. Disponível em: <http://repositorio.unesc.net/bitstream/handle/1/755/Michelli%20Cadorin%20Piazza.pdf?sequence=1>. Acesso em: 23 mai 2013.

PIES, Marcelino. Desafios à agricultura familiar na construção de um desenvolvimento sustentável. *In: CONTI, Irio Luiz; PIES, Marcelino; CECONELLO, Rene. Agricultura Familiar: caminhos e transições*. Passo Fundo: IFIBE, 2006.

RISSOM, Claudio; GABRIEL JUNIOR, Egon; PAOLI, Jandir. **Desenvolvimento, democracia e gestão do crédito**. Passo Fundo: Imed, 2009.

SANTOS, Christiane Fernades dos Santos. *et al.* **Agricultura familiar e convívio sustentável numa perspectiva interdisciplinar**. *In: R. Pol. Públ.* São Luís, vol 16 n. 1, Jan/Jun 2012, p. 25 – 35. Disponível em <http://gurupi.ufma.br/index.php/rppublica/article/viewFile/1174/927>. Acesso em: 25 mai 2013.

SAVIAN, Moises. **A sucessão geracional na agricultura familiar de Ponte Alto-SC**. Florianópolis, 2011. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/95353/291683.pdf?sequence=1>, Acesso em: 01 jun 2013.

SILVA, Elisabete Maria; CEREDA, Marney Pascoli. **Expectativa dos jovens que habitam o meio rural em s. j. do povo, mt, como fator de estabilidade social e condição para desenvolvimento sustentável**. *In: Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural*. Campo Grande, 2010, p. 1 – 21. Disponível em: <http://www.sober.org.br/palestra/15/686.pdf>, Acesso em 04 Nov 2013.

SILVA, Graziano da Silva. **Velhos e novos mitos do rural Brasileiro**. *In: Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo*. São Paulo, Vol 15, n. 43, 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010340142001000300005&script=sci_arttext, Acesso em 06 out 2013.

SILVA, Juniele Martins; MENDES, Estevane de Paula Pontes. **Desafios dos agricultores familiares nas comunidades rurais Cruzeiro dos Martírios e Paulistas, Catalão (GO)**. *In: Revista formação online*. Catalão, vol 2 n. 19, Jul/Dez 2012, p. 32 - 50. Disponível em: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/viewFile/2098/1943>, Acesso em: 24 mai 2013.

SIMOM, Pedro. **Agricultura Familiar**. Brasília: Senado Federal, 1998.

SIQUEIRA, Luisa Helena Schwantz. **As perspectivas de inserção dos jovens rurais na unidade de produção familiar**. Porto Alegre, 2004. Disponível em <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/7053/000538866.pdf?sequence=1>, Acesso em: 05 Nov 2013.

SIQUEIRA, Volmir. **Industrialização, Urbanização, êxodo rural, no Sudoeste do Paraná**. Ijuí, 2012. Disponível em:

<http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/1400/TCC%20Vol%20de%20Siqueira%20Pronto.pdf?sequence=1>, Acesso em: 24/mai/2013.

SOUZA, Guilherme Fernandes; SOUZA, Romulo Kleber; CARNEIRO, Rosalvo Nobre. **A Agricultura familiar e a pluritividade no perímetro irrigado de Pau dos Ferros - RN.** In: **Geo temas.** Pau dos ferros, RGN, vol 3, n. 1, Jan/Jun 2013, p. 125 – 136. Disponível em: <http://periodicos.uern.br/index.php/geotemas/article/view/586/368>, Acesso em: 05 out 2013.

SPANEVERELLO, Marisa Rosani. *et al.* **A migração juvenil e implicações sucessórias na agricultura familiar.** In: **Revista de Ciências humanas.** Florianópolis, vol 45, n. 2, outubro 2011, p. 291 – 304. Disponível em: <http://journal.ufsc.br/index.php/revistacf/article/view/2178-4582.2011v45n2p291/22353>, acesso em: 25 maio 2013.

SPANEVERELLO, Marisa Rosani; DREBES, Laila Mayara; LAGO, Adriano. **A influência das ações cooperativistas sobre a reprodução social da agricultura familiar e seus reflexos sobre o desenvolvimento rural.** 2011. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/code2011/chamada2011/pdf/area7/area7-artigo58.pdf>, Acesso em: 23 out 2013.

SPANEVERELLO, Rosani Marisa. **A dinâmica sucessória na Agricultura Familiar.** Porto Alegre, 2008. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/16024/000660556.pdf?sequence=1>, Acesso em: 06 out 2013.

TELÓ, Fabrício; DAVID, Cesar. **O rural depois do êxodo:** As implicações do despovoamento dos campos no distrito de Arroio do Só, município de Santa Maria/RS. In: **Mundo agrário.** Arroio do Só, vol 13, n. 25, 2012. Disponível em: <http://mundoagrario.unlp.edu.ar/article/view/MAv13n25a05/html>, Acesso em: 25 mai 2013.

WANDERLEY, Maria de Nazaré R. Raízes históricas do campesinato Brasileiro. In: TEDESCO, João Carlos. **Agricultura Familiar:** realidade e perspectivas. Passo Fundo: universitária, 2001.

WEISHEIMER, Nilson. *Et al.* **Sociologia da juventude.** In: ZORZI, Analisa. **As pesquisas sobre os jovens rurais no Brasil.** São Paulo: Intersaberes, 2013. Disponível em <http://upf.bv3.digitalpages.com.br/users/publications/9788582126127/pages/5> Acesso em: 06 out 2013.

APÊNDICE A

MODELO DE ENTREVISTA PARA AGRICULTORES QUE RESIDEM NO CAMPO

Agricultores que residem na área rural.

1. sexo

() masculino

() feminino

2. Qual sua idade:

() 30 a 40 anos

() Entre 41 e 50 anos

() Mais de 50

3. Qual sua escolaridade:

() Antigo primário

() Segundo grau incompleto

() Antigo Ginásio

() Segundo grau completo

() Fundamental incompleto

() Ensino superior incompleto

() fundamental completo

() Ensino superior completo

4. Qual seu estado civil:

() Solteiro(a)

() Casado(a)

() Viúvo(a)

() Divorciado(a)

5. Quantos filhos você possui:

() Nenhum

() 1 filho

() 2 filhos

() 3 filhos

() mais de três .

6. Qual são os tipos de atividades desenvolvidas na propriedade?

7. Como se sente (motivado ou não, satisfeito ou não) em relação a:

- Ao trabalho que realiza:
- Aos resultados financeiros:
- Às perspectivas futuras:

8. Qual a sua visão em relação aos seguintes fatores nos últimos anos ou décadas:

- Clima:
- Financiamentos:
- Preços:
- Tecnologia
- Facilidade ou dificuldade para realizar o trabalho:

9. Por que você continua no campo? Quais as razões principais?

10. Quais as perspectivas futuras para seus filhos? Continuar no interior ou ir para a cidade? Por quê?

11. Quais as perspectivas futuras suas? Continuar no interior ou ir para a cidade? Por quê?

12. Compare condições de vida no campo e na cidade:

- Vantagens do campo:
- Desvantagens do campo:
- Vantagens da cidade:
- Desvantagens da cidade:

APÊNDICE B
MODELO DE ENTREVISTA PARA AGRICULTORES QUE MIGRARAM DO
CAMPO PARA A CIDADE

Agricultores que migraram do campo para a cidade.

1.sexo

- () masculino
() feminino

2.Qual sua idade:

- () 30 a 40 anos
() Entre 41 e 50 anos
() Mais de 50

3.Qual sua escolaridade:

- () Antigo primário
() Segundo grau incompleto
() Antigo Ginásio
() Segundo grau completo
() Fundamental incompleto
() Ensino superior incompleto
() fundamental completo
() Ensino superior completo

4.Qual seu estado civil:

- () Solteiro(a)
() Casado(a)
() Viúvo(a)
() Divorciado(a)

5.Quantos filhos você possui:

- () Nenhum
() 1 filho

- () 2 filhos
- () 3 filhos
- () mais de três .

6. Há quanto tempo você reside na cidade:

- () Menos de um ano
- () De cinco a sete anos
- () De um a quatro anos
- () Outros tempos

7. Tipo de atividades que tinha no interior (Você ou sua família):

8. Por que você optou pela vida urbana? Quais as razões principais?

9. Que tipo de atividade executa atualmente? Que tipo de vínculo tem com a atividade (proprietário, sócio, empregado, autônomo, informal):

10. Como se sente (motivado ou não, satisfeito ou não) em relação a:

- Ao trabalho que realiza:
- à remuneração:
- às perspectivas futuras:

11. Comparando sua vida no interior e a da cidade, financeira e pessoalmente a mudança foi positiva ou negativa? Por quê?

12. Compare condições de vida no campo e na cidade

- Vantagens do campo:
- Desvantagens do campo:
- Vantagens da cidade:
- Desvantagens da cidade: